



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

LUÍS HENRIQUE VIGHI TEIXEIRA

“[...] *SEXO NÃO É TUDO, MAS É 80% [...]*”

**UM ESTUDO A RESPEITO DA VIDA SEXUAL DE HOMENS E MULHERES EM
PROCESSO DE SEPARAÇÃO.**

Palhoça

2008



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

LUIS HENRIQUE VIGHI TEIXEIRA

“[...] *SEXO NÃO É TUDO, MAS É 80% [...]*”

**UM ESTUDO A RESPEITO DA VIDA SEXUAL DE HOMENS E MULHERES EM
PROCESSO DE SEPARAÇÃO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de graduação em Psicologia da Universidade do
Sul de Santa Catarina como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Deise Maria do Nascimento, Msc

Palhoça

2008



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

LUIS HENRIQUE VIGHI TEIXEIRA

“[...] *SEXO NÃO É TUDO, MAS É 80% [...]*”

**UM ESTUDO A RESPEITO DA VIDA SEXUAL DE HOMENS E MULHERES EM
PROCESSO DE SEPARAÇÃO.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharel em Psicologia e aprovado em sua forma final pelo Curso de graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 17 de novembro de 2008.

Prof^ª. Orientadora Deise Maria do Nascimento, Msc
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof^ª. Hebe Cristina Bastos Regis, Esp
Universidade do Vale do Itajaí

Prof^ª. Regina Ingrid Bragagnolo, Msc
Universidade do Sul de Santa Catarina

RESUMO

A presente pesquisa tem por finalidade relacionar a vida sexual de homens e mulheres em separação com o desencadeamento do processo de separação. Partindo do princípio de que a vida sexual e a conjugalidade humana não são condições naturais, mas sim produtos da cultura e do contexto social, esta pesquisa pretende compreender o sentido atribuído pelas pessoas ao assunto. O termo sentido, neste trabalho, é compreendido a partir da concepção do construcionismo, que o entende como uma construção social que faz parte da condição humana, sendo desenvolvido nas relações cotidianas através do discurso e servindo como ferramenta para compreensão do mundo em que se vive. Com o intuito de atingir o objetivo geral de caracterizar o sentido atribuído por homens e mulheres em separação à sua vida sexual durante a relação, este trabalho, inicialmente, procurou identificar o sentido atribuído à satisfação sexual, passando depois para a importância que as pessoas dão para o sexo na relação, procurando, em seguida, verificar as mudanças na atração sexual ao longo da relação e, finalmente, identificar as relações que as pessoas fazem entre sexo e separação. Trata-se de uma pesquisa exploratória, com um forte cunho qualitativo, sendo que os dados foram colhidos através de uma entrevista semi-estruturada aplicada em três homens e três mulheres usuários do serviço de mediação em um fórum da região da grande Florianópolis. A categorização e análise do discurso foram feitas de acordo com a teoria do construcionismo social, em que se verifica a produção de sentidos nas práticas discursivas cotidianas utilizando, para tal, a técnica dos mapas de associação de idéias. Os principais resultados obtidos mostraram o seguinte: a maioria das pessoas relaciona satisfação sexual com a presença de sentimentos e afinidades entre os parceiros; consideram o sexo como muito importante na relação; observam modificações na atração sexual ao longo da relação; e cinco, entre seis pessoas, relacionaram o sexo com o desencadeamento da separação, enquanto apenas uma considerou que não houve relação entre os dois. Por fim, concluiu-se que o sexo é um fator considerado importante no desencadeamento do processo de separação.

Palavras chave: Vida sexual, conjugalidade, separação, sentido e construcionismo

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Noeli V. Teixeira e Sinval P. Teixeira, que me prestaram um apoio incondicional e que são os grandes responsáveis por isso tudo.

A Patrícia L. B. Marchi, que se mostrou uma companheira entusiasmada e incansável durante toda a realização deste trabalho e que, principalmente, conseguiu compreender as dificuldades e me apoiar nesta caminhada.

A minha orientadora prof^ª. Deise M. do Nascimento que com paciência e dedicação iluminou meus caminhos nesta jornada.

As professoras Hebe C. B. Regis e Regina I. Bragagnolo que se dispuseram a participar do processo de construção e avaliação deste trabalho.

A prof^ª. Cristiani N. Peixoto que direta e indiretamente contribuiu para o sucesso desta pesquisa.

A todos o meu sincero muito obrigado e a certeza da minha eterna gratidão.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
1.1 TEMA.....	10
1.2 PROBLEMÁTICA.....	10
1.3 OBJETIVOS	14
1.3.1 Objetivo Geral.....	14
1.3.2 Objetivos Específicos.....	14
1.4 JUSTIFICATIVA	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1 Sexo, Conjugalidade e Separação	20
2.2 As questões de Gênero	25
2.3 Construções de sentidos nas práticas discursivas cotidianas.....	28
3 MÉTODO DE PESQUISA.....	32
3.1 Tipo de Pesquisa	32
3.2 População/Amostra	33
3.3 Procedimentos para Coleta de Dados	33
3.4 Instrumento de Coleta de Dados.....	34
3.5 Análise de Dados	36
3.6 Devolutiva	36
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	38
4.1 A satisfação com a vida sexual durante a relação.....	39
4.1.1 Relação sexual satisfatória.....	39
4.1.2 Relação sexual ruim.....	44
4.2 A importância atribuída ao sexo	48
4.2.1 Sentidos atribuídos à importância do sexo.....	48
4.2.2 Sentidos atribuídos à necessidade sexual.....	50
4.3 As mudanças na atração sexual durante a relação.....	53
4.4 As relações entre o sexo e a separação.....	57
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
APÊNDICE.....	68

APÊNDICE A – Questionário de ambientação	68
APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista	71
ANEXO	72
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	72
ANEXO B – Consentimento para fotografias, vídeos e filmagem.....	74

1.INTRODUÇÃO

Na cultura ocidental cristã o sexo encontra na relação conjugal um lugar em que sua manifestação é esperada e bem aceita, servindo, inclusive, como um dos pilares motivadores para a ocorrência do relacionamento. A moral e os bons costumes atrelam o sexo ao casamento originado pelo amor romântico, como sendo este o único lugar legítimo para o prazer carnal. Segundo Foucault (1999), estas concepções culturais e os discursos a elas atrelados são frutos de uma manipulação ideológica que ocorreu, principalmente, a partir do século XIX e que colocou o desejo sexual em uma posição ambígua e contraditória na sociedade ocidental contemporânea. Mas os padrões de intimidade estão em constante transformação e concepções rígidas de “certo” ou “errado” já não encontram formas tão definidas como há um século atrás. Dentro deste contexto de constantes mudanças culturais, os indivíduos constantemente se humanizam, trazendo um potencial biológico que precisa encontrar no meio uma via de satisfação e de continuidade para a espécie humana.

Partindo da premissa de que o homem é um ser social, imerso em um universo cultural que o define e que é, ao mesmo tempo, uma construção humana, o presente trabalho pretende analisar um recorte da concepção de homens e mulheres em processo de separação conjugal a respeito do papel que o sexo teve na dissolução da relação. A proposta deste estudo foi concebida no Serviço de Mediação Familiar de um Fórum da grande Florianópolis, onde este pesquisador exerce a função de mediador de conflitos de casais que procuram o Fórum para resolver os mais diversos problemas relativos às questões de término de relacionamento conjugal.

Diante da difícil tarefa de mediar uma sessão que mobiliza duas pessoas que desejam seguir caminhos diferentes em suas vidas, o mediador se depara com conflitos de toda ordem, sendo que normalmente as questões emocionais e sentimentais são quem comanda as ações e dita os destinos do acordo (Ferreira, 2004). A partir desta constatação, cabe ao psicólogo que media perceber o que se passa por de trás das discussões e disputas negociadas durante o atendimento, pois somente com o uso desta habilidade irá promover uma mediação transformadora e exercer a função específica do psicólogo. Dentro da gama de questões emocionais que surgem quando da separação de um casal, os conflitos sexuais podem ter certa significância e influir de alguma forma nos destinos da relação e da

separação. A proposta deste estudo é verificar esta possível influência, para então permitir ao mediador melhores condições de captar a origem dos conflitos e, desta forma, promover as possíveis resoluções e a saúde no âmbito do seu trabalho.

Partindo da concepção de mediação acima apresentada, este trabalho foi concebido com a principal finalidade de relacionar sexo e separação, principalmente com o intuito de concluir a respeito do papel que a satisfação com a vida sexual do casal tem no desencadeamento do processo de separação. Para tanto, este estudo foi planejado para captar o sentido que os usuários do serviço de mediação atribuem ao sexo em suas relações, ou seja, é um estudo que irá fazer uma leitura da percepção das pessoas, do que elas pensam e racionalizam a respeito do tema. Para cumprir esta tarefa foi utilizada como teoria de base um ramo da Psicologia Social chamado de Construcionismo, no qual são estudadas e analisadas as práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano, sendo que os detalhes desta abordagem bem como os conceitos utilizados neste trabalho serão desenvolvidos no capítulo de fundamentação teórica.

Em suma, espera-se que, ao final dos trabalhos de pesquisa e análise dos dados, seja possível apresentar um panorama dos sentidos que homens e mulheres em separação atribuem à sua vida sexual, bem como a influência desta na separação, tudo isto com a principal finalidade de facilitar o trabalho do mediador familiar quando da resolução de conflitos.

1.1 TEMA

A vida sexual de homens e mulheres em processo de separação.

1.2 PROBLEMÁTICA

A união conjugal entre seres humanos e a respectiva prática sexual advinda desta união apresenta uma forte relação com os aspectos culturais predominantes em cada época da história da espécie humana. Juntamente com o casamento, desde sua mais remota origem até os dias atuais, a vida sexual do homem sofre influências culturais que determinam suas características e suas variações ao longo dos tempos:

A história da sexualidade vista como uma construção social aponta mudanças importantes tanto no comportamento sexual como no significado que lhe atribuímos. Por isso não se pode explicar suas formas e variações sem examinar o contexto em que se formaram (ARAÚJO, 2002, p. 9).

Casamento, amor e sexo se entrelaçam por toda a história ocidental cristã, assumindo as mais variadas formas de manifestação, sempre de acordo com os contratos sociais e valores morais que vão se estabelecendo histórica e culturalmente. Inclusive:

Vistos de uma perspectiva histórica e transcultural, amor, sexo e casamento raramente “coincideram”. Cada um dos três desenvolveu-se independentemente. E foi apenas nas sociedades contemporâneas ocidentais que acabaram “espremidos” em um único pacote cultural (HOSCHSCHILD, 1976, *apud* JABLONSKI, 1998, p. 107).

Nas sociedades Arcaicas, a aliança era o fator determinante do casamento. Com a interdição do incesto, as famílias passaram a ver no casamento exogâmico uma forma de divisão sexual do trabalho e de troca de bens considerados escassos e essenciais para a sobrevivência. Os contratos nupciais baseavam-se nos interesses econômicos e de trocas, que passavam a determinar as primeiras regras desta instituição quase que exclusivamente econômica. Em segundo plano estava o amor e a sexualidade, que não raro se manifestavam fora da relação conjugal. Nesta concepção os contratos eram firmados entre homens, sendo as mulheres objetos de troca (LEVI-STRAUS, 1976, *apud* ARAÚJO, 2002, p.1).

Na história das sociedades ocidentais, a Igreja teve um crescente papel de influenciadora na união conjugal. Até o século V essa influência era muito pequena, sendo que os casamentos eram contratos realizados pelos nobres em suas próprias casas, quando uma família oferecia a filha como meio de aliança, de transmissão de herança e títulos e de formação de vínculos políticos. A partir do século VI, o padre passa a abençoar o casal na porta do quarto e, no século XI, a Igreja institui o casamento como o único espaço legítimo para a sexualidade com fins exclusivos de procriação. Por volta do século XII ocorre a sacralização do casamento, e a normatização cristã vem para frear os libertinos, pois na impossibilidade de conter os impulsos sexuais do ser humano, a Igreja estabelece que o sexo pode existir, apenas, na relação conjugal formal desde que de forma discreta, controlada e com fins de reprodução (ARAÚJO, 2002).

A partir daí, durante o período da Idade Média, em que houve um domínio social por parte do clérigo, se perpetuou e se definiu os padrões da união conjugal e da vida sexual de casados e solteiros de acordo com a concepção religiosa. Essa dominação durou pelo menos até o século XVIII, com a Revolução Francesa e o advento da burguesia (LINS, 2007).

Na Inglaterra do século XVIII e XIX, fruto do pensamento de Malthus, um clérigo estudioso que estabeleceu importantes relações entre o crescimento econômico e demográfico da humanidade, surgiu o que Mcfarlane (1990, *apud* Araújo, 2002), chamou de Casamento Malthusiano. Nesta forma de relação conjugal, o casal se unia por propósitos econômicos e emocionais, deixando de lado a procriação como meta primordial. O amor romântico serviu de base para este tipo de relação, em que o respeito mútuo, o afeto, a amizade, o companheirismo, a escolha racional e a condição econômica aliada à idade suplantaram a necessidade de filhos. “Com o desenvolvimento do capitalismo, o modelo de casamento malthusiano se espalhou pelo mundo. Sofreu, é claro, as adaptações necessárias às diferentes culturas e níveis de desenvolvimento econômico” (ARAÚJO, 2002, p. 4).

Com a modernidade ocorrem grandes mudanças no casamento e na vida sexual do ser humano. É estabelecido o casamento por amor, amor-paixão, com a livre escolha e o predomínio do erotismo na relação conjugal. Esta nova concepção vem paralela a uma nova organização social, em que o capitalismo passa a reger o destino do homem e o mundo público e privado passa a encarar um processo de constante transformação. O novo modelo de casamento se estabelece como regra básica, impondo aos noivos que se amem ou que transpareçam isto. Porém, esta carga de sentimento, aliada a liberdade de escolha, gera no ser humano expectativas e idealizações que podem se tornar armadilhas perante a realidade

frustrante inerente ao relacionamento conjugal duradouro. Desta forma a duração do casamento passa a ser colocada em prova, pois como o amor-romântico em geral se esgota e as idealizações são desfeitas na rotina da convivência cotidiana, o divórcio e o recasamento surgem como possibilidade de recomeço e de busca por felicidade (LINS, 2007).

Como fruto de um complexo conjunto de processos sociais e atrelados a estas diferentes concepções de casamento, os costumes e comportamentos sexuais do ser humano se moldam e adquirem diversas formas de manifestação vinculadas basicamente ao prazer, a fertilidade, aos valores, ideologias e códigos morais vigentes na cultura e na sociedade. Segundo Foucault (1999), a sexualidade na modernidade compreende tanto os mecanismos biológicos de reprodução quanto os aspectos individuais e sociais do comportamento, como as regras e normas religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas. Este autor não deixa de considerar que tudo isto está associado às mudanças no modo de significar e dar valor a condutas, deveres, prazeres, sentimentos e sensações que ocorrem em cada indivíduo pertencente ao meio social em constante transformação.

Foucault (1999) defende, em sua obra *a História da Sexualidade I, a vontade de saber*, que a sociedade burguesa, capitalista ou industrial, desenvolveu, diferentemente do que era feito até o século XVII, uma época de repressão sexual expressa através da incitação dos discursos reguladores das verdades sobre o assunto. Ele considera essa repressão não como a proibição ou a extinção da sexualidade, mas, pelo contrário, como instituição de um discurso disciplinador para extinguir as formas de sexualidade fora do casamento e sem fins reprodutivos. Com isso, este autor afirma que se criaram relações de poder e prazer, as espirais de poder-prazer. Através da instituição de saberes médicos, jurídicos, morais (religiosos e familiares), entre outros, estes passaram a servir de apoio e de articulação às mais diversas estratégias de controle e, também, de prazer por parte de quem controla, investiga e burla os paradigmas criados em torno do sexo.

Foucault busca as razões pelas quais a sexualidade, longe de ser reprimida na sociedade contemporânea está, ao contrário, sendo suscitada. O dispositivo da sexualidade deve ser pensado a partir das técnicas de poder que lhe são contemporâneas. Para ele, três eixos constituem a sexualidade nas sociedades modernas: a formação dos saberes que a ela se referem; os sistemas de poder que regulam suas práticas e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade (ARAÚJO, 2002, p.5).

Nos dias atuais, permeados pelos mais diversos movimentos de emancipação e libertação da mulher, pelo risco de contaminação pelas DST/AIDS, pelo advento dos métodos contraceptivos, pela inseminação artificial e, principalmente, pela aceitação das diversidades de gostos e interesses, novas concepções de relacionamento surgem como expressão de um contexto social cada vez mais dinâmico e sem espaço para modelos rígidos ou conservadores de conduta. Rompe-se, assim, com o protótipo conservador de casamento heterossexual, procriativo, machista e eterno, abrindo-se espaço para as mais diversas formas de relacionamento. Segundo Anthony Giddens (1993), em *“A transformação da Intimidade”*, as novas formas de relacionamento advindas desta verdadeira revolução sexual pautam-se na igualdade de direitos de gênero e em princípios democráticos.

Matos (2000) retrata, de forma muito ampla, um panorama atual da sociedade de classe média do Rio de Janeiro que expressa justamente esta nova configuração que vem tomando os vínculos e a intimidade das pessoas no final do século XX e início do XXI. Em sua obra, ela caracteriza com detalhes as relações homoeróticas, os casais em que os cônjuges moram separados e tem relacionamentos paralelos consentidos, e outras diversas formas de conjugalidade distantes do clássico casamento. A autora mostra como estes relacionamentos se multiplicam na sociedade contemporânea e tomam formas cada vez mais nítidas e livres de preconceitos e objeções. Segundo Lins (2007), em acordo com o que diz Giddens (1993), estas diversidades de formas conjugais expressas por Matos (2000) se manifestam, nos mais diversos lares, cada vez com mais frequência e mais liberdade de expressão, o que, conseqüentemente, é passado às gerações seguintes e gera uma mudança lenta, porém muito significativa de padrões e condutas sociais.

Sendo assim, nota-se na história da civilização uma importante relação entre a sexualidade e a conjugalidade humana. Principalmente a partir do casamento livre, movido pelo desejo próprio das partes e embasado no erotismo e na atração amorosa, a vida sexual do casal tem sido importante no sucesso de um relacionamento, até por tratar-se de um dos seus pilares. Diante destas constatações e relações, aliadas ao momento de rápidas e profundas transformações sociais em que nos encontramos no século XXI, este estudo procurará cercar-se do máximo de subsídios para responder a seguinte pergunta de pesquisa: Qual o sentido atribuído por homens e mulheres, em separação, à sua vida sexual durante a relação?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral:

Caracterizar o sentido atribuído por homens e mulheres em separação à sua vida sexual durante a relação.

1.3.2 Objetivos Específicos:

- Verificar o que os participantes da pesquisa entendem como relação sexual satisfatória;
- Identificar o sentido atribuído pelos participantes à importância do sexo para a satisfação com a relação;
- Identificar o sentido atribuído pelos participantes à atração sexual no início e no final da relação;
- Analisar a relação que os participantes fazem entre a sua vida sexual e o desencadeamento da separação.

1.4 JUSTIFICATIVA

Em pleno século XXI, apesar da revolução sexual que já vem ocorrendo desde a década de 1960 e que modificou completamente a noção de sexualidade humana em relação aos últimos dois séculos, o tema deste trabalho ainda instiga a comunidade científica e o senso comum. Ainda fala-se de sexo com ares de tabu, com discursos encobertos por hipocrisia e ideologias de poder diversas, conforme indica Foucault:

Censura sobre sexo? Pelo contrário, constituiu-se uma aparelhagem para reproduzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, susceptíveis de funcionar e de serem efeito de sua própria economia. Esta técnica talvez tivesse ficado ligada ao destino da espiritualidade cristã ou à economia dos prazeres individuais, se não tivesse sido apoiada e relançada por outros mecanismos. Essencialmente, por um “interesse público”. Não uma curiosidade ou uma sensibilidade coletivas; não uma nova mentalidade. Porém por mecanismos de poder para cujo funcionamento o discurso sobre o sexo – por razões às quais será preciso retornar – passou a ser essencial (FOUCAULT, 1999, p. 26).

Apesar de uma constante modificação dos padrões de intimidade e de união conjugal advindos da revolução sexual, como mostram autores como Matos (2000), Giddens (1993) e Bauman (2004), discussões relacionadas a sexo ainda são alvo de preconceitos e fonte de polêmica.

Sexo, casamento e conjugalidade despertam o interesse do senso comum e da mídia jornalística, que promovem altos índices de aceitação popular e de audiência, com conteúdos superficiais lançados em edições semanais, programas de televisão e matérias de internet. Estas matérias, muitas vezes carregadas de cunho ideológico, polemizam questões relativas a sexualidade e participam ativamente da formação da opinião popular. Livros de auto-ajuda, reportagens com dicas e conselhos para melhorar desempenho e bem satisfazer o parceiro, revistas eróticas e pornográficas, sites de relacionamento e de prostituição são diariamente introduzidos em um mercado cada vez mais suscetível e amplo. Desta forma, o acesso, por parte de qualquer cidadão, a materiais relativos a sexo é muito facilitado, o que influi no sentido formado por cada um a respeito do assunto. Diante desta grande gama de informações ofertadas diariamente à população, que desconhece a distinção entre conteúdos com comprovação científica e aquilo que é pura especulação descompromissada, forma-se um senso comum influenciado por ideologias capitalistas e sujeito a manipulação de diversas

formas. Inclusive, torna-se difícil, ao se pesquisar o assunto, diferenciar o que é conhecimento de cunho científico daquilo que é especulação sem vínculo com a ciência (GIDDENS, 1993).

Em termos de produção científica, diversas áreas do conhecimento, entre elas a psicologia social, vêm explorando estas questões que, acompanhando o dinamismo do mundo contemporâneo, sofrem constantes evoluções. Apesar de uma riqueza de informações estatísticas encontradas em pesquisas contemporâneas, que serão apresentadas a seguir, muito pouco foi feito no sentido de compreender a singularidade das pessoas, ou seja, que sentido atribuem as informações que fornecem e como esses dados repercutem na vida cotidiana, nas relações humanas, nos conflitos e nas separações de casais. Na literatura, verificam-se trabalhos específicos a respeito de sexualidade, como questões relacionadas a deficientes físicos ou mentais, comportamentos sexuais em determinadas faixas etárias como a adolescência ou a velhice, uso de preservativo e prevenção de DST/AIDS, entre outros. Neste sentido pode-se citar os trabalhos de autores como Trudel, et al (2008), O'connor, et al (2008), e Tolpin, et al (2006). Porém, utilizando como base a teoria da produção de sentido no cotidiano, com enfoque na psicologia social, e procurando compreender o sentido que cada indivíduo atribui a sua vida sexual nada foi encontrado.

O que se aproxima, em termos científicos, da proposta deste trabalho, são estudos relacionados com o comportamento sexual das pessoas, realizados através da coleta e posterior apresentação de dados de pesquisas feitas com grandes populações. Estes estudos abordam temas como masturbação, uso de preservativos, frequência e satisfação sexual, idade, orgasmo, disfunções e dificuldades nas relações sexuais, entre outros assuntos, porém todos eles com cunho predominantemente quantitativo. Na maioria das vezes, estes estudos apresentam dados estatisticamente relevantes, mas que naturalmente ofuscam o contexto de vida dos participantes e, em consequência, pouco ajudam a compreender as implicações que tais comportamentos têm para cada indivíduo pesquisado. De relevância, ao longo das últimas quatro décadas, se podem citar os relatórios Hite (1976), o Estudo do Comportamento Sexual do brasileiro e o Estudo da vida sexual do brasileiro, sendo os dois últimos expostos na obra Descobrimento Sexual do Brasil, de Abdo (2004).

Os relatórios Hite foram escritos em 1976 nos Estados Unidos por Shere Hite que, corroborando para a revolução sexual que hora se processava com grande expressão, procurou fazer um estudo que refletisse da forma mais fiel possível a sexualidade masculina e feminina de seu país, os Estados Unidos. Ela fez um trabalho muito amplo e profundo com abrangência predominantemente quantitativa, mas que também possuía um enfoque qualitativo, ou seja, de

alguma forma procurou compreender como as pessoas se sentiam em relação ao sexo, não somente apresentando dados estatísticos, mas sim depoimentos e opiniões. Segundo suas próprias palavras, até então nos EUA:

Nunca se perguntou às mulheres como elas se sentem em relação ao sexo. Os pesquisadores, ao buscar “normas” estatísticas, fazem as perguntas erradas por razões erradas – e via de regra acabam por dizer às mulheres como elas devem se sentir em vez de perguntar-lhes como se sentem” (HITE, 1978, p.11).

Ao longo dos relatórios, a autora aborda temas relativos a ambos os gêneros, como por exemplo, masturbação, orgasmo, coito, estímulos, lesbianismo, escravidão sexual, revolução sexual, sexualidade de mulheres mais velhas, ser homem, amizade e afeto entre homens, como os homens vêem as mulheres, monogamia, divórcio, preliminares, sexo anal, violência, pornografia, homossexualidade, entre outros. Além disso, Hite (1978) traz juntamente com uma vasta idéia de valores estatísticos, depoimentos e opiniões que em muito esclarecem a respeito da sexualidade do ser humano.

Em termos de Brasil, o que existe de mais contundente são os trabalhos de pesquisa realizados pelo Projeto Sexualidade (ProSex), um grupo multidisciplinar, composto por psiquiatras, psicólogos, enfermeiros e voluntários, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo. Este Projeto, chefiado pela psiquiatra Carmita Abdo, realizou dois grandes estudos de nível nacional, o Estudo do Comportamento Sexual (ECOS), realizado em 2000, com 2835 pessoas pesquisadas e o Estudo da Vida Sexual do Brasileiro (EVSB), realizado em 2003, com 7103 brasileiros e brasileiras nas cinco regiões do país. O último deu origem ao livro “Descobrimento sexual do Brasil”, de Carmita Abdo (2004), que traz um panorama completo dos dados obtidos neste que foi o maior estudo já feito no Brasil a respeito de comportamento sexual.

Abordando, de forma exclusivamente quantitativa, temas como auto-avaliação da satisfação sexual, relação extraconjugal, frequência de relações, situações que interferem no desempenho, entre outros, estes dados fizeram uma verdadeira radiografia do comportamento sexual do brasileiro, sendo utilizados por diversas empresas do ramo. Ao aprofundar e ampliar estes conhecimentos, a autora revela informações que despertam o interesse de todos, como em uma de suas colocações: “a falta do desejo sexual afeta quatro vezes mais as mulheres (8,2%) que os homens (2,1%), constatação esta que dificulta a relação sexual de boa parte dos casais pesquisados” (ABDO, 2004, p. 94). Além disso, chamou à atenção a constatação de que o número de relações sexuais pode interferir no índice de satisfação sexual, haja vista que,

para ambos os sexos, a média de relações realizadas representa 50% da desejada em qualquer fase da vida (ABDO, 2004). Cabe citar ainda a constatação da autora de que situações como cansaço (58,6%), rotina (35%) e ansiedade (22%) interferem negativamente no desempenho sexual, revelando que um estilo de vida estressante atinge a grande maioria da população e explica estes altos índices (ABDO, 2004). A riqueza de dados estatísticos provenientes deste trabalho é evidente e os resultados mostram-se bastante contundentes. Entretanto, parecem demonstrar de forma superficial alguns comportamentos típicos da população brasileira, não revelando o significado real de tais ações para os entrevistados.

Em suma, considerando o que foi escrito até então, a relevância científica deste trabalho está em procurar atender às lacunas científicas relativas ao significado do sexo para cada indivíduo. Primeiro, por não tratar-se de um trabalho quantitativo, mas sim de uma análise qualitativa do sentido que as pessoas formam a respeito do sexo. Em seguida, por considerar como fundamental o contexto de vida dos participantes e procurar verificar as implicações que o sexo tem para o seu cotidiano. Muito diferentemente de uma apresentação de dados estatísticos a respeito da prática sexual, este trabalho procurará ampliar o conhecimento existente através da compreensão do que as pessoas sentem e pensam a respeito de suas relações sexuais e quais as possíveis relações destes sentidos com o término de suas relações amorosas. Desta forma, através de uma aplicação dos conceitos da psicologia social, espera-se contribuir para a ampliação do conhecimento científico, sempre de acordo com a amplitude e a abrangência esperada para este nível de produção e considerando o contexto espaço-temporal em que será realizado.

Levando em conta a importância do tema para a vida das pessoas e a magnitude de sua presença, é sabido que a falta de conhecimento científico a respeito deste assunto, aliada a riqueza de fontes especulativas, geram uma importante lacuna na formação da opinião pública em geral. O desconhecimento a respeito das relações entre sexo e separação conjugal torna o homem, enquanto ser social, alienado de seu contexto e suscetível ao adoecimento psíquico proveniente da incapacidade de compreender seu próprio comportamento, uma das queixas comuns nos consultórios de psicólogos.

Além destas conseqüências diretas à pessoa em seu contexto social, óbices científicos como estes abrem caminho para uma série de entidades especulativas que, percebendo a demanda emanante da população e a grande aceitação do tema, passam a produzir um verdadeiro mercado especulativo sobre o assunto. Diante deste quadro, surgem espaços para uma diversidade de livros de auto-ajuda sem caráter científico, publicações

jornalísticas carregadas de opiniões ideológicas e intenções mercadológicas, além de pessoas oferecendo serviços de aconselhamento com cunho religioso ou espiritual. Diante desta realidade, tanto a opinião da população, como o sentido produzido pelo indivíduo nas práticas discursivas do cotidiano está atravessado pelo que se vincula na mídia. Esta influência pode gerar adoecimento e sofrimento psíquico, principalmente pelo caráter capitalista e exploratório difundido em nossa sociedade, que pouco leva em consideração a saúde e o bem estar do indivíduo, priorizando sempre o consumo, gerando idealizações e infelicidade. Em suma, o ser humano, influenciado por manipulações de diversas ordens, adoece e desaprende a lidar com uma das coisas mais básicas de sua vida: o sexo.

Desta forma, a produção científica de conhecimento proposta neste trabalho irá apresentar uma significativa relevância social em diversos aspectos. Para a psicologia como área do conhecimento, mais especificamente no tocante a sexologia, abrirá uma possibilidade de compreensão da intersubjetividade humana quando em conflito de separação de casais, levando-se em conta uma perspectiva de influência do sexo, o que irá permitir estudos e intervenções mais bem contextualizadas. Para a psicologia social, além de ser uma oportunidade de verificar a aplicação da teoria da produção de sentidos no cotidiano - teoria que vem ganhando importância recentemente - será também mais uma fonte de dados para futuras análises e uma ampliação de horizontes neste caminho. Para os profissionais que lidam com mediação familiar será uma fonte de conhecimento capaz de esclarecer as bases dos conflitos e, a partir daí, facilitar o andamento do processo de arbitragem. Para população em geral será uma fonte de informação científica capaz de esclarecer, através de uma linguagem simples e direta, a relação entre sexo e separação e, desta forma, contribuir na formação de opinião sólida e, o que é mais importante, de acordo com o desenvolvimento da saúde e do bem estar.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Sexo, Conjugalidade e Separação

No presente trabalho o sexo tem papel central e sua compreensão para além do simples coito carnal é de fundamental importância. Como o objetivo maior desta pesquisa é caracterizar o sentido atribuído por homens e mulheres em separação a sua vida sexual durante a relação, cresce de importância, neste momento, a definição de alguns termos que serão comumente usados nesta pesquisa, bem como a apresentação da concepção da ciência a respeito da sexualidade humana, tudo isso com a finalidade de permitir uma futura análise dos dados que serão colhidos.

Na espécie humana a atividade sexual não se destina somente a reprodução e perpetuação da espécie, como no restante do reino animal, sendo o ato sexual repleto de sentido e significado independente de onde ele ocorra. A prática sexual humana é sempre fruto de uma construção sócio-histórica, e, portanto, suas formas são flexíveis e variam de acordo com o contexto cultural em que ocorrem. Segundo Jablonski (1998), a concepção de “normalidade”, ou seja, o conjunto de práticas sexuais mais manifestas e aceitas socialmente, encontra-se atrelada ao que a cultura em dado momento chama de certo ou errado. É sabido que “a história da sexualidade ocidental é muito mais a história de ciclos antagônicos do que a de um desenvolvimento linear. Períodos de libertação se seguem a períodos de repressão, num típico movimento pendular” (SKOLNICK *apud* JABLONSKI, 1998, p. 108).

Em se tratando de século XX e XXI, a obra de Foucault relativa a história da sexualidade é um grande marco no conhecimento sobre o tema e não pode deixar de ser considerada quando se deseja a compreensão da construção atual que é feita a respeito de sexualidade e de prática sexual. No volume I de sua obra, intitulada *a História da Sexualidade I, a vontade de saber*, Foucault (1999) apresenta o que chamou de Hipótese Repressiva e, através desta, faz uma análise do desenvolvimento dos discursos a respeito de sexo presentes em nossa sociedade desde o século XVII. Sintetizando seu pensamento, pode-se dizer que para este conceituado filósofo, os saberes e as falas a respeito de sexo, a partir do século XVIII, são permeados por relações de poder que impõe não a supressão ou a eliminação do tema como se supõe, mas sim o contrário, ou seja, a incitação de saberes e práticas controladas, com fins manipulados em prol da própria máquina de poder.

Foucault (1999) defende a idéia de que a ampla colocação do sexo em discurso não se trata apenas de um fenômeno quantitativo, mas visa sim afastar da “realidade” e da “normalidade” qualquer prática sexual distinta da genital reprodutiva. Desta forma as instituições de poder defendem seus interesses e disseminam uma ideologia em seu proveito. Este autor afirma que se multiplicaram as condenações judiciais das perversões, a irregularidade sexual foi associada à doença mental, normas para a infância e velhice foram instituídas, tudo isso com objetivos de atender aos mais diversos interesses da máquina de poder. Segundo ele:

Toda esta atenção loquaz com que nos alvoroçamos em torno da sexualidade, há dois ou três séculos, não estaria ordenada em função de uma preocupação elementar: assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir a forma das relações sociais; em suma, proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora? (Foucault, 1999, p. 37).

É muito importante, para a análise de qualquer prática discursiva contemporânea a respeito de sexo, considerar os pensamentos de Foucault, pois estes desmascaram as manipulações ocultas no cotidiano que acabam praticamente impondo a sociedade padrões e normas de conduta de acordo com os interesses do sistema. Segundo Araújo (2002), Foucault considera que a formação de saberes sobre sexualidade, aliada aos sistemas de poder que regulam suas práticas, gera nos indivíduos as formas pelas quais podem e devem se reconhecer como sujeitos desta sexualidade. Esta influência, disseminada através das mais diversas instituições ideológicas presentes na sociedade (igreja, escola, mídia, leis, entre outras) tem regido a educação sexual e interferido diretamente no comportamento privado dos indivíduos ao longo dos últimos dois séculos. Isto causa reflexos diretos nos padrões de conjugalidade, em noções como família, “normalidade”, “certo ou errado” e, principalmente, vem a reger condutas e padrões da prática sexual.

Em sua obra, Foucault (1999) apresenta o conceito de perpétuas espirais de poder e prazer, através do qual mostra como os mais diversos saberes e discursos de poder social foram assumindo e controlando a sexualidade, vindo, em seguida, a extrair prazer através do controle daquilo que é proibido, o sexo. Com isso, ele faz uma crítica aos saberes instituídos, como os saberes médicos, religiosos e as convenções sociais, afirmando que estes, através do poder, se satisfazem em investigar e manipular a vida privada, o que chamou de implantação perversa. Segundo suas próprias palavras:

[...] esta forma de poder exige para se exercer presenças constantes, atentas e, também, curiosas; ela implica em proximidades; procede mediante exames e observações insistentes; requer um intercâmbio de discursos através de perguntas que extorquem confissões e de confidências que superam a inquisição. Ela implica uma aproximação física e um jogo de sensações intensas, de que a medicalização do insólito sexual é ao mesmo tempo efeito e instrumento. Engajadas no corpo, transformadas em caráter profundo dos indivíduos, as extravagâncias sexuais sobrepõem-se à tecnologia da saúde e do patológico (Foucault, 1999, p. 44).

Cabe ressaltar ainda que Foucault (1999), ao concentrar a história da sexualidade nos mecanismos de repressão, enfatiza a ocorrência de duas importantes rupturas no esquema social, que influenciaram de forma contundente o significado social, e consequentemente o sentido individual, da sexualidade na modernidade. A primeira, no século XVIII, com o nascimento das grandes proibições, a instituição do sexo exclusivamente adulto e matrimonial, imperativos de decências, contenção e pudores. E a segunda, a partir do século XX, justamente o contrário, ou seja, o momento em que os mecanismos de repressão se afrouxaram e passou a surgir uma relativa tolerância as relações pré-nupciais e extra-matrimoniais, atenuando-se a desqualificação dos perversos e sua condenação pela lei.

Justamente esta segunda ruptura ocorreu associada a um movimento que é um dos grandes responsáveis pela atual concepção de sexualidade na sociedade ocidental, a revolução sexual. Este movimento, que foi ganhando proporções significativas gradativamente a partir da década de 1960, através de diversos movimentos sociais promovidos por grupos, como por exemplo, os *hippies* e as feministas, que pregavam a liberdade sexual e defendiam igualdade de direitos e de oportunidades entre os sexos. Esta revolução promoveu uma verdadeira transformação da vida íntima das pessoas, reformulando conceitos e modificando padrões de conduta e códigos morais vigentes. Giddens (1993) traz um panorama completo a respeito de todas as mudanças comportamentais ocorridas durante a revolução sexual, sendo sua obra fundamental para a compreensão das manifestações sexuais na sociedade contemporânea.

Três conceitos apresentados por Giddens (1993) abrangem as principais mudanças na intimidade das pessoas no século XX e não podem deixar de serem considerados em uma análise de discursos a respeito de vida sexual, são eles o “amor confluyente”, “a sexualidade plástica” e o “relacionamento puro”. Para este autor, as novas formas de relacionamento advindas deste conjunto de mudanças ocorrido nas últimas cinco décadas são pautadas, principalmente, na igualdade entre os gêneros e no respeito aos princípios democráticos dentro da relação. A compreensão destes três conceitos apresentados por Giddens (1993) é de

fundamental importância para a análise do sentido que as pessoas atribuem a sua vida sexual na relação, pois neles o autor conseguiu refletir e sintetizar as novas tendências advindas da revolução sexual, criando novas categorias que são intrínsecas às relações amorosas pós-modernas. Ao relacionar amor, sexo e casamento no pós-revolução sexual, Giddens (1993) traz um panorama completo das novas tendências para o século XXI em termos de relações humanas, o que permite análises consistentes e sólidas a respeito do tema.

O “amor confluyente” é aquele que deixa de lado as idealizações e fantasias inerentes ao “amor romântico” para se pautar na realidade, com igualdade na relação e envolvimento emocional. Nesta forma de amar o sexo, ou seja, a satisfação sexual mútua tem papel central na manutenção ou dissolução da relação, visto que ela surge em uma época em que o ambiente social permite a qualquer pessoa a busca por satisfação sexual e o recomeço em outro relacionamento em caso de insucesso. O que chama a atenção é que, diferentemente do amor romântico, o amor confluyente não exige monogamia e não necessariamente tem que ocorrer entre um homem e uma mulher, o que o torna uma verdadeira expressão da pós-modernidade (GIDDENS, 1993).

A “sexualidade plástica” tem sua origem no século XVIII, no momento em que surge uma tendência à redução da natalidade, e segue seu desenvolvimento a partir do surgimento dos métodos contraceptivos e das tecnologias voltadas para a reprodução artificial. A principal característica desta forma de expressão da sexualidade trata-se de seu desapego a necessidade de reprodução, ou seja, a expressão do desejo sexual tem liberdade de adotar diversas formas, o que só é possível porque o ambiente social proporciona, tanto ao homem como a mulher, a busca livre pelo prazer e satisfação sexuais. Pode-se dizer que a emancipação da mulher e sua luta por liberdade e igualdade sexuais, foram os principais fatores desencadeantes desta forma de manifestação sexual que reflete diretamente na forma de amar e de se relacionar das pessoas, sendo ela fundamental para a disseminação implícita do “relacionamento” puro (GIDDENS, 1993).

O “relacionamento puro” surge como uma forma de rompimento com a idéia de que o casamento é uma condição natural, com durabilidade eterna, sendo a única forma possível de se relacionar. Sua principal característica é a base democrática sobre a qual ele se forma, o que gera igualdade de direitos e deveres, além do que pauta-se no compromisso sincero, na confiança mútua e na intimidade, presumindo garantias de ambas as partes a respeito de durabilidade e envolvimento na relação. No entanto, o que mais caracteriza esta forma de se relacionar é que ele pode, a qualquer época, ser terminado por qualquer um dos

parceiros que se julgar insatisfeito com a relação. Isto torna o compromisso como sendo necessário para a durabilidade do casal, mas não como sendo algo imutável e perpétuo, e desejar rompê-lo não é mais um erro ou uma falta de consideração ou respeito pelo (a) companheiro (a), mas sim uma busca plausível pela felicidade. A idéia que sintetiza bem esta forma de relação e que é de fundamental importância para a análise da relação entre a satisfação sexual das pessoas e a separação, é que neste tipo de relacionamento o que determina o sucesso ou fracasso é a própria relação, sendo sua continuidade fruto do nível de satisfação que cada parte irá extrair dela (GIDDENS, 1993).

Desta forma, fica evidente que a plena compreensão da idéia de relacionamento puro de Giddens (1993), associada aos demais conceitos deste autor apresentados anteriormente, é de fundamental importância para que se possa compreender como a sociedade vem se organizando em termos de relações humanas e quais as novas configurações que a intimidade das pessoas vem adquirindo ao longo dos tempos pós-modernos e pós-revolução sexual. Com isso, amplia-se a possibilidade de execução de uma análise precisa e de acordo com a realidade dos dados que serão colhidos a respeito de satisfação sexual na relação e dissolução dos compromissos assumidos.

De acordo com as novas tendências comportamentais da sociedade, a preocupação com a satisfação sexual dos envolvidos em uma relação vem ganhando destaque no rol de prioridades que mantém um casal unido, sendo seu estudo de grande valia quando se pensa em durabilidade das relações. A insatisfação sexual tem sido um fator crescente entre os motivos que levam a mulher a solicitar a separação. Segundo Jablonski (1998), na maioria das pesquisas recentes sobre iniciativas para o divórcio, nota-se o crescente papel da mulher como a parte que solicita a separação, mesmo nos casos em que isso lhe gera uma perda de condição financeira ou empobrecimento. Este mesmo autor apresenta dados que corroboram com esta constatação ao mostrar que no quesito “aprovação do casamento e das relações familiares como elas são” as mulheres se destacam em relação aos homens com alto grau de insatisfação.

A privação de uma vida sexual livre, oriunda do casamento estável, duradouro e de acordo com as normas sociais tradicionais gera frustração e pode despertar sentimentos adversos ao relacionamento em homens e mulheres que se encontram em uma relação monogâmica duradoura. Segundo Jablonski (1998), quando o sujeito se priva de algo que deseja, mas que tem pequena possibilidade de atingir, fica mais fácil de lidar com a situação e a busca da felicidade dependerá dos objetivos propostos. Porém, estudos têm demonstrado

que quanto mais o sujeito se acerca de possibilidades de atingir algo que deseja, maior a probabilidade de despertar sentimentos de insatisfação, raiva, perda ou dor. Desta forma, quando as mulheres estavam apáticas e sem esperanças por estarem subjugadas, seus graus de insatisfação eram menores, ao passo que hoje em dia a luta pela felicidade conjugal e sexual é um caminho plenamente visível. Desta forma, pode-se dizer que a liberdade sexual e a emancipação da mulher são tendências cada vez mais crescentes em nossa sociedade, pois quanto mais elas buscam o seu caminho, mais portas se abrem e mais possibilidades se vislumbram.

A sociedade ocidental, de uma maneira geral, se comparada a determinadas culturas orientais onde se pratica o tantrismo e de onde se originaram guias como o Kama Sutra, apresenta um baixo índice de qualidade de vida sexual. Segundo Lins (2007), essa pobreza deriva basicamente do cristianismo e da moral sexual instituída pelo patriarcado. Lins (2007) afirma que para a religião ocidental há uma expectativa de que todos se sintam culpados e envergonhados com seus órgãos sexuais e suas funções, sendo o sexo sinônimo de pecado e o prazer sexual uma tentação do mal. Somado a isto, Lins (2007) afirma que a noção constituída historicamente de que a mulher é uma propriedade do homem reflete uma atitude submissa e negativa da mulher para o sexo com seu marido. “Para a maior parte dos homens possuir uma mulher constitui muito mais uma prova de virilidade do que uma experiência amorosa; a conquista, tornando-se mais importante que o amor, justifica a atitude da mulher” (LINS, 2007, p. 247). Na sociedade ocidental, muitas vezes o sexo é praticado de forma mecânica, rotineira, sem emoção e com o único objetivo de atingir o orgasmo o quanto antes possível (LINS, 2007). “Setenta e cinco por cento dos homens ejaculam com menos de dois minutos depois de introduzir o pênis na vagina” (FEUERSTEIN *apud* LINS, 2007, p. 248). Resulta disso tudo que a mulher tem dificuldades de atingir o orgasmo e se desilude com a prática sexual do homem, o que torna o sexo ansioso, podendo gerar bloqueios emocionais que se refletem em impotência, ejaculação precoce e disfunções de desejo em ambos os sexos.

2.2 As questões de gênero

Diante desta nova realidade advinda da revolução sexual, observa-se cada vez mais a democratização das relações interpessoais, fruto do declínio do controle sexual dos

homens sobre as mulheres. Essa democratização transforma a intimidade das pessoas e reflete nas relações de gênero, redefinindo posições e posturas do ser masculino e feminino.

As mulheres tiveram um papel de revolucionárias emocionais da modernidade e prepararam o caminho para expansão da intimidade. Algumas disposições psicológicas têm sido a condição e o resultado desse processo, assim como também as mudanças materiais e sociais que permitiram as mulheres reivindicar a igualdade e propor mudanças nas relações de gênero (ARAÚJO, 2002, p.7).

O termo “gênero” começou a ser empregado pelo movimento feminista e sua terminologia gera controvérsias quanto ao correto emprego e significado. Segundo Scott (1995), este é um conceito que vai além de homem e mulher no sentido concreto, possibilitando diferenciações entre pessoas e tendo um caráter mutável, ou seja, masculino e feminino estão suscetíveis a constantes mudanças de acordo com o contexto histórico-cultural em que se manifestam. Cabe ressaltar que para Scott (1990) a definição dos gêneros masculino e feminino não ocorre isoladamente, mas sim de forma atrelada através de uma comparação entre semelhanças e diferenças que permitem definir as particularidades de cada um. Isto quer dizer que em um estudo sobre comportamento humano como este, que considera as relações de gênero, os sentidos construídos pelo homem passam pela concepção de mulher e vice-versa, o que torna inviável a compreensão de um universo de forma isolada, masculino e feminino só se definem um a partir do outro.

A feminilidade na sociedade ocidental passa por um processo de construção histórico que a define hoje como em pleno processo de modificação e redefinição. Conforme descreve Anton (2000), a imagem do feminino passa pelo modelo patriarcal, que submeteu a mulher ao homem e a preparou para o casamento, para as atividades domésticas e a conseqüente submissão ao marido. Ser mulher por muito tempo foi sinônimo de ser prendada, meiga, doce e sensível, capaz de atrair sexualmente, mas tendo que se manter intacta dentro de sua suposta fragilidade. A mulher que não se enquadrasse neste padrão estava sujeita a ser subjugada e classificada como impura, perdida e indigna de um casamento (ANTON, 2000).

Porém a partir da revolução sexual e através das lutas feministas a sociedade vem sofrendo uma série de transformações na forma de conceber o feminino e, em conseqüência, a mulher rompe barreiras para adquirir espaço e poder alcançar seus objetivos de forma livre e autônoma. Com isso, a transformação social dá a mulher prerrogativas antes tidas como exclusivamente masculinas e aos poucos atributos como iniciativa, coragem, racionalidade e

liderança fazem parte do comportamento feminino. É neste contexto de constantes modificações que a mulher do século XXI se encontra, abrindo cada vez mais espaço para as gerações futuras e se igualando em todos os sentidos ao homem, o que gera em certos momentos uma dualidade identificatória típica dos momentos de metamorfose (MORAES, 2001).

Já a masculinidade está alicerçada em séculos de machismo e autoritarismo que aos poucos se desmancham, mas que, longe de chegarem ao fim, ainda permeiam de forma substancial as relações entre homens e mulheres. Histórica e culturalmente cabe ao homem o papel de chefe do lar e de autoridade, tendo que demonstrar força e coragem em suas atitudes como pai e responsável pela família. Segundo Giffin (2005), o “machismo” ainda está presente nas relações cotidianas entre homens e mulheres, porém está cada vez mais camuflado devido às mudanças de atitudes das mulheres.

Esta posição de masculinidade predominante ao longo dos últimos séculos reflete diretamente no comportamento sexual dos homens que, de maneira geral, difere completamente do feminino principalmente no tocante a aprovação social. Segundo Giddens (1993), têm sido aceitáveis os múltiplos relacionamentos sexuais do homem antes do casamento, além do que a infidelidade masculina é muito mais previsível e relevante do que a feminina ao longo da história. Para este autor a mudança do comportamento feminino tem-se refletido diretamente no homem, que vem se adaptando e aceitando a igualdade entre os sexos. Porém, da mesma forma que para a mulher, para o homem este momento de transformação gera ansiedade e dificuldade de compreensão do seu papel, visto que conceitos muito antigos e arraigados na cultura precisam ser derrubados neste processo de mudança.

O interessante para este trabalho na questão de gênero é perceber o quanto as falas e os sentidos produzidos pelas pessoas estarão atrelados à identidade de gênero que estas formaram ao longo de uma vida, o que possibilita constatar o quanto o ser humano apresenta um comportamento permeado pelo meio social. Segundo Strey (2000), identidade de gênero é para a Psicologia Social uma construção histórica, cultural, e social, que compreende estudos sobre homens e mulheres em suas diferenças e semelhanças, em como esses indivíduos simbolizam o contexto social/cultural em que estão inseridos, dando significações próprias que se definem assim como identidades de gênero.

O conceito de identidade social é de fundamental importância para a compreensão das diferenças de gênero definindo comportamentos e atitudes em um determinado contexto social. Segundo Silva (2000) a identidade é definida como aquilo que somos, nesse sentido,

está contido o que não somos, portanto, juntamente com identidade, é agregado o conceito de diferença, uma vez que, ser algo, implica em não ser várias outras coisas. Conclui-se, então, que apresentar um comportamento masculino ou feminino passa por caracterizar as diferenças existentes entre os sexos, assumindo-se uma posição, ou seja, identidade e diferença estão em uma estreita ligação e são mutuamente determinantes, o que quer dizer que a identidade é proveniente da diferença.

É sabido que as questões de gênero, além de determinar identidade, legitimam relações de poder e de hierarquia, que acabam por reforçar as práticas enraizadas na cultura e influenciam decisivamente nos comportamentos ou posturas adotadas por homens e mulheres em suas relações amorosas. Para Scott (1990, p. 15), “(...) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado a relações de poder.”

Entretanto, para o presente estudo, que vai captar os sentidos constituídos nas relações sociais contemporâneas, cresce de importância frisar que muitas mudanças sociais e culturais estão ocorrendo e fazendo com que as identidades hegemônicas de gênero se modifiquem num processo de elaboração vagaroso, mas constante. A compreensão das práticas discursivas de homens e mulheres a respeito do sentido que atribuem à vida sexual deve considerar prioritariamente estas ponderações sobre gênero, sendo, portanto, de fundamental importância na análise dos dados que será feita neste estudo, visto que as falas de homens e mulheres ocorrem a partir destas posições de masculino e feminino socialmente difundidas.

2.3 Construções de sentidos nas práticas discursivas cotidianas

Cabe ressaltar, neste momento, a delimitação teórica que irá embasar o trabalho de análise dos dados colhidos bem como permitir a elaboração de conclusões a respeito desta pesquisa. Como o próprio problema de pesquisa deixa bem claro quando propõe estudar qual o sentido atribuído por homens e mulheres em separação a respeito de sua vida sexual durante a relação, esta pesquisa irá trabalhar com a noção de produção de sentidos nas práticas discursivas do cotidiano. Esta concepção teórica faz parte de um corpo teórico maior que é a psicologia social, sendo a teoria da Linguagem e Produção de Sentidos no Cotidiano uma corrente do Construcionismo Social difundido no Brasil a partir dos estudos de Mary Jane

Spink. Esta vertente da Psicologia Social está aliada a novas formas de produção de pesquisa e conhecimento no campo da Psicologia, sendo diretamente relacionada ao estudo dos processos de subjetivação, políticas de identidade, esferas públicas e privadas, práticas discursivas e outros temas crescentes em nossa cultura.

Dentro deste campo teórico acima delimitado, para a compreensão do processo de produção de sentidos no cotidiano é de fundamental importância que se possa localizar a postura construcionista. Segundo Spink (2004), Thomaz Ibáñez, a partir de 1994, quando lançou na Revista Venezuelana de Psicologia Social um texto introdutório ao Construcionismo, trouxe contribuições muito importantes para a desconstrução de concepções antiquadas e para a construção desta nova postura de pesquisa e compreensão dos fenômenos sociais.

Com relação à forma de entender o conhecimento, Ibáñez afirma ser necessário dissolver a dicotomia sujeito-objeto, pois para a perspectiva construcionista ambos são construções sociais e, portanto, são produto das relações sociais e socialmente produzidos. Esta nova concepção é importante porque traz a noção de que os objetos (no caso deste trabalho o sexo, o casamento e outros) não são naturais, mas sim produto das relações que estabelecemos com eles em determinado contexto cultural e temporal. Como escreve Spink (2004a, p. 21): “não há objetos independentes de nós e nem existimos independentemente dos objetos que criamos”. Cabe ressaltar que, segundo Spink (2004a) essa questão já foi muito bem explorada por Peter Berger e Thomas Luckmann no livro *A Construção Social da Realidade* escrito em 1976.

Em se tratando dos pressupostos metodológicos pode-se dizer que para o construcionismo o conhecimento não representa de forma fidedigna a realidade, pois é impossível distinguir entre o que nossa inteligência é capaz de produzir sobre o mundo daquilo que o mundo realmente é. Segundo Spink (2004a), é complicado se afirmar que exista um mundo material para além do que do que produzimos culturalmente, pois a dificuldade maior estaria em conseguir distinguir o mundo real daquilo que pensamos da nossa realidade.

No tocante a natureza humana, a postura construcionista irá entender que os conhecimentos existentes são frutos de uma prática social, o que quer dizer que os objetos e critérios de verdade são produtos sociais que foram institucionalizados por processos de habituação (SPINK, 2004a). Na questão dos pressupostos metodológicos, o construcionismo busca uma postura que Spink (2004a) caracteriza como desreificante, desnaturalizante e desessencializadora, que compreende, ao extremo, a natureza social do mundo vivido e a

historicidade das práticas vigentes. O pensamento a seguir resume bem a compreensão desta autora:

No cotidiano de nossas vidas, somos, de fato, produtos de nossa época e não escapamos das convenções, das ordens morais e das estruturas de legitimação. A pesquisa construcionista é, portanto, um convite a aguçarmos a nossa imaginação e a participar ativamente dos processos de transformação social (SPINK, 2004b, p. 32).

Com a definição do que delimita o pensamento construcionista, torna-se possível a discussão a respeito da produção de sentidos no cotidiano a partir da linguagem em ação, pois esta concepção é um produto desta corrente e, portanto, está atrelada teoricamente aos seus conceitos epistemológicos. Segundo Spink (2004a) é importante que se diferencie prática discursiva de discurso, sendo o primeiro a maneira como as pessoas falam e produzem sentidos a partir do momento que vivenciam o cotidiano e a segunda uma produção linguística permeada pela institucionalização de uma forma de saber, como por exemplo a ciência, ou seja, o discurso científico.

Essa proposta é interessante, porque permite fazer a distinção entre práticas discursivas – as maneiras pelas quais as pessoas, por meio da linguagem, produzem sentidos e posicionam-se em relações sociais cotidianas – e o uso institucionalizado da linguagem – quando falamos a partir de formas de falar próprias a certos domínios de saber, a Psicologia, por exemplo (SPINK, 2004a, p. 40).

Esta teoria, que servirá de base para a compreensão do sentido que homens e mulheres produzem a respeito de suas vidas sexuais em seus relacionamentos, focaliza as maneiras pelas quais as pessoas interagem nas suas relações sociais do dia-dia, sendo importante frisar que as práticas discursivas se compõem de três elementos básicos: a dinâmica, as formas ou *speech genres* e os conteúdos ou repertórios linguísticos. Segundo Spink (2004a), a dinâmica são os enunciados orientados por vozes, ou seja, ao se falar sobre algo se acaba por questionar, afirmar, checar e interagir das mais diversas formas. Geralmente isso ocorre através da fala de outras pessoas, ou seja, às vezes fala-se reproduzindo o que o outro disse, seja ele o pai, o vizinho, o chefe e assim por diante, sendo essas vozes as orientadoras do enunciado. As formas são falas mais ou menos fixas de enunciado que são empregados de acordo com a situação e com significados pré-prontos. Já os conteúdos são o que Spink (2004a) chama de Repertórios Linguísticos:

Repertórios Lingüísticos são entidades teóricas muito mais fluídas, muito mais flexíveis que Representações Sociais. As representações são trabalhadas como teorias, como formas compartilhadas de associar repertórios. [...] Ao trabalhar com *Práticas Discursivas* não estamos procurando estruturas ou formas usuais de associar conteúdos. Partimos do pressuposto que esses conteúdos associam-se de uma forma em determinados contextos, e de outras formas em outros contextos. Os sentidos são fluídos e contextuais (SPINK, 2004a, p. 41).

Sendo assim, cabe agora ressaltar qual a compreensão a respeito do sentido produzido no cotidiano e como ocorre esse fenômeno nas práticas discursivas do ambiente social. Segundo Spink (2004a) o sentido é uma construção social e, portanto, obra do coletivo, a partir de um processo interativo, sendo inviável produzir-se sentido de forma isolada. É importante frizar que essa construção ocorre em um contexto sócio-cultural, e surge justamente como uma forma de lidar com situações e fenômenos do mundo social em que se formam. Os sentidos são constantemente produzidos, de forma espontânea e na interatividade das relações sociais, sendo graças a esta produção que conseguimos conviver e lidar com as situações e fenômenos do dia-dia.

O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas, na dinâmica das relações sociais, historicamente datadas e culturalmente localizadas, constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta (SPINK, 2004a, p.48).

Cabe ressaltar que quando se tem que falar ou pensar sobre algo inesperado ou inédito, quando se responde a perguntas até então não cogitadas, a produção de sentido se dá simultaneamente a fala, ou seja, ao mesmo tempo em que se produz linguagem se produz sentido sobre o que se está falando, sendo isto de sumária importância para que se possa pesquisar segundo esta concepção teórica.

3. MÉTODO DE PESQUISA

3.1 Tipo de Pesquisa

Com base nos objetivos de pesquisa, o presente estudo classifica-se como exploratório e tem caráter de análise predominantemente qualitativo. Segundo Gil (1991) pesquisas exploratórias são aquelas que buscam uma maior familiarização com o tema pesquisado como forma de explicitá-lo melhor ou construir hipóteses e, a partir daí, ampliar o conhecimento científico e permitir que novos estudos sobre o tema sejam originados. Ao se questionar sobre o sentido produzido por homens e mulheres em separação à sua vida sexual durante o relacionamento, o presente estudo busca, justamente, aprimorar idéias que permitam a consideração dos mais variados aspectos relativos ao tema proposto, ou seja, procura explorar a sexualidade humana e suas relações com a vida cotidiana das pessoas, encontrando-se aí o caráter exploratório da pesquisa.

Este estudo tem um caráter predominantemente qualitativo porque não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de dados e solução do problema, ao mesmo tempo em que não vai numerar, medir unidades ou categorias homogêneas. “A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos” (RICHARDSON, 1999, p. 90). Esta colocação de Richardson (1999) apresenta grande afinidade com a proposta desta pesquisa de caracterizar o sentido das pessoas sobre sexo, o que confirma seu caráter qualitativo apesar da existência de uma série de discussões ideológicas a respeito da distinção entre pesquisas quantitativas e qualitativas.

A pesquisa moderna deve rejeitar como uma falsa dicotomia a separação entre estudos ‘qualitativos’ e ‘quantitativos’, ou entre ponto de vista ‘estatístico’ e ‘não estatístico’. Além disso, não importa quão precisas sejam as medidas, o que é medido continua a ser uma qualidade (GOODE & HATT *apud* RICHARDSON, 1999, p. 79).

Cabe ressaltar também que a própria teoria de base do presente trabalho, da construção de sentidos no cotidiano, devidamente alicerçada na psicologia social e entendendo o ser humano através de uma perspectiva histórico-cultural, naturalmente direciona o caráter exploratório e qualitativo que o presente estudo adquire em seus objetivos e procedimentos metodológicos.

3.2 População/Amostra

Os participantes do estudo foram adultos voluntários, na faixa etária dos 18 aos 50 anos de idade, por se tratar desta a faixa etária de maior ocorrência no Serviço de Mediação em que foi feita a pesquisa. A amostra foi composta por três homens e três mulheres, usuários do serviço de mediação de um Fórum da grande Florianópolis, independente de comporem um casal. A escolha do número de participantes foi intencional, tendo em vista ser um estudo qualitativo e por considerarem-se seis pessoas, sendo três homens e três mulheres, um efetivo coerente com os objetivos e a concepção do trabalho. Os participantes estavam, necessariamente, em processo de separação, não podendo a separação já estar consumada, pois somente desta forma foram atendidos os objetivos a que o presente estudo se dispôs. No capítulo 4, análise dos dados, na página 37, consta a tabela I, que mostra um panorama com os dados relevantes dos participantes desta pesquisa.

3.3 Coleta de Dados

A coleta dos dados ocorreu através de uma entrevista semi-estruturada, constante do apêndice B, p. 70, formulada a partir dos procedimentos metodológicos de entrevista propostos por Spink (2004) para a compreensão dos sentidos produzidos no cotidiano. A seleção da amostra foi feita com os usuários do Serviço de Mediação do Fórum de São José, dentre aqueles que se enquadraram nos critérios de idade e estavam em processo de separação. A participação foi voluntária e o contato com os candidatos feito pessoalmente pelo pesquisador na sala da mediação.

Tendo em vista a natureza do tema, que poderia gerar constrangimentos por tratar da intimidade sexual das pessoas, o pesquisador aplicou um questionário em uma amostra de

trinta pessoas que se mostraram voluntárias, sendo quinze homens e quinze mulheres, todos usuários do serviço de mediação do Fórum de São José. O preenchimento foi anônimo e a escolha dos seis participantes a serem entrevistados foi feita de forma acidental, pois dentre aqueles que preencheram o questionário, foi feito o contato e a amostra foi composta pelos que aceitaram fazer parte do estudo. No questionário (Apêndice A) os sujeitos informaram apenas o sexo e seu telefone de contato, respondendo ao final se desejavam ou não serem entrevistado. Com isso buscou-se, além de ambientar as pessoas a respeito do tema da pesquisa, selecionar os entrevistados que estariam em melhores condições de participar e mais dispostos.

Os participantes da pesquisa foram informados pelo telefone e o acerto de todos os detalhes quanto à participação na pesquisa, finalidades do estudo e a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo A) foram providenciados pelo pesquisador no próprio Fórum, em horário de interesse do participante. As entrevistas ocorreram na própria sala do serviço de mediação do Fórum, fora do horário de expediente da equipe de mediação, o que facilitou o acesso e permitiu a preservação da identidade dos participantes.

Com o intuito de facilitar a análise dos dados foi utilizado um gravador para registrar as entrevistas e, em seguida, permitir que elas fossem transcritas e analisadas na íntegra. Com isso, pretendeu-se também liberar o entrevistador para adotar uma postura mais livre e observadora durante a entrevista, não necessitando que este fizesse anotações permitindo maior atenção aos detalhes dos relatos naquele momento. Porém, é importante ressaltar que este procedimento foi adotado a partir do consentimento livre e esclarecido dos sujeitos da pesquisa, o que está explícito no respectivo termo (Anexo A). Após a entrevista o pesquisador ofereceu uma devolutiva ao entrevistado a ser feita com os interessados após a conclusão do trabalho.

3.4 Instrumento de Coleta de Dados

O instrumento de coleta dos dados constituiu-se de uma entrevista semi-estruturada realizada individualmente com a amostra selecionada pelo pesquisador. O roteiro base da entrevista (APÊNDICE B) foi submetido a adaptações durante o decorrer da execução para que fossem atingidos os objetivos sem deixar de respeitar as reações e pré-disposições do

entrevistado, tendo em vista que a natureza do tema poderia gerar constrangimentos. Segundo Richardson (1999), neste tipo de entrevista é permitido que se utilize uma espécie de guia de temas a serem tratados durante sua realização. No entanto, as perguntas não necessitavam serem seguidas à risca, sem que se perdesse o foco ou uma sequência pré-estabelecida. Ainda para este autor, este tipo de entrevista trata-se de um meio-termo entre a entrevista dirigida - de caráter pré-estabelecido, com perguntas prontas e com uma ordem a ser seguida - e a entrevista não diretiva - que permite ao entrevistado desenvolver suas idéias de forma livre e como achar conveniente, sendo o entrevistador apenas um orientador e estimulador.

A escolha deste tipo de instrumento de coleta de dados, bem como a sua elaboração se deu justamente para atender aos objetivos geral e específicos aos quais o presente estudo buscou atingir dentro do referencial teórico utilizado. Isto porque, este instrumento permitiu ao entrevistado, a partir de perguntas abertas, construir sentido em decorrência de suas práticas discursivas cotidianas, se mantendo livre para trazer uma riqueza de informações que julgasse conveniente e permitindo, posteriormente, uma análise apurada dos dados (RICHARDSON, 1999).

Cabe ressaltar que na elaboração do instrumento de coleta de dados algumas precauções metodológicas e éticas foram adotadas. Em termos de confecção do roteiro evitou-se a realização de perguntas sugestivas, que interferissem ou indicassem a resposta socialmente “certa” ou “errada” ao entrevistado. No mesmo sentido fez-se necessária, durante a execução da entrevista, certa flexibilidade de raciocínio por parte do entrevistador para atingir os objetivos que o instrumento se propôs da melhor forma possível. Visando o aprimoramento do instrumento e o ensaio de sua aplicação foi realizado um pré-teste em pessoas alheias à pesquisa, o que determinou se o roteiro tinha condições de ser aplicado e respondia aos objetivos aos quais se propunha. Em termos éticos, o pesquisador procurou evitar constrangimentos com perguntas que pudessem exigir respostas embaraçosas sobre sexo. Além disso, cabe ressaltar que o referido instrumento passou por uma apreciação por parte do comitê de ética da UNISUL, conforme as regras da instituição, antes de ser pré-testado e utilizado.

3.5 Análise de Dados

A análise dos dados ocorreu de acordo com as técnicas preconizadas por Spink (2004b) nos procedimentos metodológicos relativos a pesquisa com práticas discursivas e construção de sentidos no cotidiano. A técnica utilizada foi a dos mapas de associação de idéias que, segundo Spink (2004b, p. 107) “tem o objetivo de sistematizar o processo de análise das práticas discursivas em busca dos aspectos formais da construção lingüística dos repertórios utilizados nessa construção e da ideologia implícita na produção de sentidos.” Esta autora defende o uso dos mapas na análise de entrevistas e afirma que esta técnica trata-se de um instrumento de visualização que têm o objetivo de dar subsídios ao processo de interpretação e facilitar a comunicação dos passos subjacentes ao processo interpretativo.

A construção dos mapas é simples e depois de pronta permite uma análise sistemática e organizada das práticas discursivas do entrevistado. Segundo Spink (2004b), o processo inicia-se com a definição de categorias, de acordo com os objetivos da pesquisa, que permitem visualizar as dimensões teóricas do trabalho. Esta técnica busca organizar os conteúdos, mantém intacto o diálogo e preserva a seqüência das falas, evitando descontextualizações. O mapa é formado por colunas previamente definidas em função dos objetivos da pesquisa e os conteúdos são colocados nas colunas de acordo com a seqüência em que aparecem. Cabe ressaltar que os mapas não são técnicas fechadas, ocorrendo uma constante interação entre análise dos conteúdos e elaboração das categorias. A construção dos mapas rompe com as formas usuais de análise categorial, compreendendo a digitação da entrevista, a construção de uma tabela em que o número de colunas corresponde às categorias a serem utilizadas e a transferências dos conteúdos do texto para as colunas segundo a seqüência do diálogo. Depois de feito o mapa elucida-se a construção de sentidos na prática discursiva do entrevistado e a análise segue conforme o referencial teórico (SPINK, 2004b).

3.6 Devolutiva

Ao final da entrevista ofertou-se à pessoa entrevistada a possibilidade de receber uma devolutiva a respeito das conclusões obtidas no trabalho de pesquisa. Quando houve o interesse de participar desta atividade por parte dos entrevistados, o pesquisador se comprometeu em informar, através de um contato telefônico, sobre os horários e locais

possíveis para que se faça a entrevista devolutiva. Esta atividade é prevista na mesma sala da entrevista. Além disso, disponibilizou-se uma síntese da pesquisa, bem como o caminho para acessá-la na íntegra.

4. ANÁLISE DOS DADOS

A partir deste momento passarão a ser feitas as apresentações e as análises dos dados colhidos durante as entrevistas, com o intuito principal de relacionar os resultados obtidos em campo com o conhecimento científico existente na fundamentação teórica. Os procedimentos metodológicos previstos no capítulo anterior foram seguidos à risca visando atingir os objetivos específicos num primeiro momento para, em seguida, concluir a respeito do objetivo geral e das possíveis constatações observadas. O quadro abaixo traz uma visualização das características dos seis participantes da pesquisa garantindo o devido sigilo, conforme previsto nos cuidados éticos inerentes a este trabalho.

Tabela I: apresentação dos sujeitos participantes

SEXO	IDADE	ESTADO CIVIL	TEMPO DE UNIÃO	TEMPO DE SEPARAÇÃO	FILHOS
M 1	43	CASADA	23 ANOS	EM PROCESSO	2
M 2	24	UNIÃO ESTÁVEL	6 ANOS	EM PROCESSO	1
M 3	22	CASADA	6 ANOS	EM PROCESSO	1
H 1	49	CASADO	30 ANOS	EM PROCESSO	3
H 2	40	UNIÃO ESTÁVEL	13 ANOS	EM PROCESSO	0
H 3	27	CASADO	6 ANOS	EM PROCESSO	1

A análise do discurso dos sujeitos será realizada através dos mapas de associação de idéias, conforme previsto no método, tendo como base a concepção construcionista da produção de sentido nas práticas discursivas cotidianas, já explicitada na fundamentação teórica. Com a intenção de facilitar a visualização e permitir esquematizar a análise, foi feita uma divisão didática de categorias de acordo com os objetivos específicos, que constituem os passos do trabalho e que servirão de ordenação na apresentação dos dados.

Retomando o referencial teórico, vale ressaltar neste momento que as práticas sexuais, bem como o discurso a respeito destas práticas, são reflexos diretos da cultura em que o indivíduo está inserido, não podendo ser naturalizado qualquer tipo de conduta ou opinião a respeito deste assunto. Segundo Jablonski (1998), a concepção de “normalidade”

em termos de práticas sexuais, encontra-se diretamente vinculado ao que a cultura em dado momento histórico chama de certo ou errado. É importante destacar também, para a análise dos dados, o pensamento de Foucault (1999) que defende a idéia de que o discurso a respeito do sexo deve ser considerado a partir das influências ideológicas presentes na cultura, que visam afastar da “realidade” e da “normalidade” qualquer prática sexual distinta da genital reprodutiva, com o principal objetivo de manipular o comportamento da massa em prol dos objetivos das minorias que detêm o poder. É justamente a partir desta concepção de indivíduo como ser social, histórico e cultural que serão considerados os dados que a seguir serão apresentados.

4.1 A SATISFAÇÃO COM A VIDA SEXUAL DURANTE A RELAÇÃO

O aspecto satisfação com a vida sexual durante a relação conjugal é de fundamental importância para que se possa compreender a importância do sexo e sua relação com a separação, que são os objetivos seguintes deste estudo. Conforme mencionado no referencial teórico deste trabalho, Lins (2007) defende a idéia de que, em média, a civilização ocidental, fruto de sua cultura influenciada pela religião cristã, possui um baixo índice de satisfação sexual se comparado a outras culturas, principalmente ao longo de relações conjugais monogâmicas e duradouras, o que pode levar pessoas a conviverem infelizes por anos com seus companheiros ou passa a ser determinante no desencadeamento do processo de separação.

Durante as entrevistas, foi observado em termos de satisfação com o sexo, o sentido atribuído pelos participantes ao que uma relação sexual deve possuir para ser considerada boa, e quando uma relação sexual é considerada ruim, sendo que todos apresentaram suas opiniões em ambas as situações perguntadas.

4.1.1 SENTIDO ATRIBUÍDO À RELAÇÃO SEXUAL SATISFATÓRIA

Durante as entrevistas foi possível observar que os participantes dão sentido à satisfação sexual relacionando com o contexto do casal e com os sentimentos ou afinidades existentes na relação. A partir desta constatação, foi elaborada a categoria de análise,

constante do quadro abaixo, para facilitar o entendimento dos dados colhidos e permitir a sua relação com os aspectos teóricos relevantes, que passarão a ser descritas a seguir. A tabela II a seguir traz um panorama da frequência com que se apresentou a categoria, bem como cada uma das subcategorias observadas:

Tabela II: Sentidos atribuídos pelos participantes à relação sexual boa.

Cat.	Sub-Cat.	Subfq	Fq. Tot
Sentimentos e afinidades presentes em uma relação sexual satisfatória	Carinho	4	27
	Amizade	2	
	Respeito	4	
	Companheirismo	3	
	Doação	2	
	Atração/Desejo	5	
	Prazer com o(a) parceiro(a)	3	
	Amor/Gostar	4	

A categoria observada refere-se a presença de afinidades e sentimentos diversos entre os participantes da pesquisa e seus parceiros sexuais quando da execução de uma relação sexual considerada satisfatória. Neste sentido, foram levantadas, na fala das pessoas, subcategorias que englobam todas as afinidades consideradas necessárias ao bom sexo, sendo elas: o carinho, a amizade, o respeito, o companheirismo, a doação, a atração ou desejo, o sentir prazer com o parceiro e o amar ou gostar do parceiro(a), todos apresentados pelos participantes, de acordo com as respectivas frequências, como necessariamente presentes para a satisfação sexual

A subcategoria **atração ou desejo** foi a mais apontada, sendo referenciada por cinco entre os seis participantes. Como forma de ilustrar esta subcategoria pode ser citada a seguinte colocação de H3: “[...] *tem que ter uma atração muito boa pela mulher e a mulher*

por ti, tem que ter uma atração muito boa, tem que olhar para mulher e já ficar assim né? [...]. Esta constatação vai ao encontro do que foi verificado na literatura pesquisada, conforme Abdo(2004, p. 60), 73,5% dos homens e 68,2% das mulheres, dentro de um total de 994 homens e 1144 mulheres ouvidos em sua pesquisa realizada nas cinco regiões do país, relataram, também, a atração física pelo parceiro como condicionante de uma relação sexual satisfatória.

A subcategoria **carinho** foi citada por quatro vezes como sendo importante para a satisfação sexual. Segundo a fala dos entrevistados, este carinho refere-se tanto ao gesto carinhoso durante a relação, necessário ao prazer sexual, como a afinidade existente entre os parceiros sexuais, que gera o clima propício à ocorrência da relação prazerosa. A fala da M 2 resume bem o sentido atribuído ao carinho: “[...] *tem que ter bastante carinho, com a pessoa que eu gosto*[...]”.

A subcategoria **respeito** também foi citada por quatro entrevistados e enfatizada como uma das mais importantes pelos que a citaram. O respeito englobou em todas as falas a consideração pela vontade do outro, pela pré-disposição à relação, bem como por fazer o que ambos gostam e aceitam, sem extrapolar os limites de cada um, até porque a relação sexual costuma ser um ato íntimo e privado das pessoas, e cada sujeito apresenta gostos e preferências individualizadas. A fala da M 3 mostra a ênfase dada a este aspecto: “[...] *tem que ter companheirismo, amizade e respeito, respeito é o principal de tudo*[...]”. Interessante ressaltar que todas as pessoas que citaram o respeito, três mulheres e um homem, apresentavam queixas de não serem respeitados por seus parceiros quanto à disposição para a relação, ou seja, fazer sexo sem estar com vontade. Além disso, cabe ressaltar as questões de gênero presentes nesta subcategoria, pois todas as mulheres e um homem citaram o respeito, o que faz pensar nas diferenças entre a postura masculina e a feminina no tocante ao respeito dispensado ao parceiro sexual.

A subcategoria **prazer com a parceira** foi citada pelos três homens, o que mostra uma possível influência da identidade de gênero, pois em nossa sociedade a posição masculina reflete a busca pelo prazer a relação sexual e gera no homem uma necessidade de auto-afirmação quanto à capacidade de dar e sentir prazer com sua parceira. A seguinte citação de H1 reflete bem estas colocações: “[...] *vendo que está conseguindo fazer com prazer*[...]”.

A Subcategoria **amizade** foi citada por duas vezes e, segundo o sentido formado por estes participantes, expressa a necessidade de vínculo para a ocorrência de prazer sexual. Apesar de não caracterizarem a necessidade de sentimentos ou de uma relação conjugal, estas pessoas citam a amizade como uma condição que permite a aproximação do outro e sem a qual isto aparentemente não seria possível. Segundo o H 3: “[...] *É o que eu digo tem que ter amizade entre um e o outro, que gostar um pouco da pessoa*[...].

A subcategoria **doação** foi citada por duas pessoas com o sentido de entrega ao outro, pré-disposição para a relação, ou seja, independentemente de relação conjugal ou sentimental estas pessoas consideram que só se obtém prazer sexual quando conseguem se doar e sentir que o parceiro também faz o mesmo. A fala do H1 mostra isso: “[...] *É aquilo que lhe falei, é quando a pessoa está fazendo aquilo se entregando, querendo fazer, se doando*[...].

A subcategoria **companheirismo**, que apareceu por três vezes, mostra o quanto os participantes atribuem de importância ao relacionamento íntimo e afetivo como condicionante de uma boa relação sexual. Isto porque um sentimento de companheirismo advém de um casal que cultiva isto e que possui determinado grau de afeto na relação conjugal, ou seja, intimidade e convivência suficientes para estabelecer laços de companheirismo que reflitam na relação sexual. Como diz M 3: “[...] *tem que ter companheirismo, amizade e respeito*[...]”.

A subcategoria **amor/paixão/gostar** que apareceu na fala de quatro dos seis entrevistados, expressa a presença de sentimentos duradouros entre as pessoas como condição para uma boa relação sexual. A fala destes sujeitos passa uma idéia de que só é satisfatória ou desejável a relação sexual entre pessoas que se gostam ou se amam, de modo que, para elas, o sexo está vinculado aos sentimentos amorosos. A fala de H1 reflete exatamente este sentido: “[...] *o relacionamento sexual só é bom quando a gente ama a pessoa, não é uma coisa animal, é uma coisa humana*[...]”. Assim como o gostar e a paixão, o amor é de difícil definição e varia de acordo com concepções culturais presentes em cada época historicamente situada. Segundo Bozon apud Oltramari (2005) este sentimento pode ser compreendido como a prática de uma série de comportamentos compartilhados socialmente que, portanto, constituem-se em representações sociais e por isso não sofrem grandes variações entre os indivíduos que compartilham de determinada cultura. Sendo

assim, a referência que as pessoas fazem aos sentimentos amorosos quando dão sentido a satisfação sexual, de uma maneira geral, remontam aos conceitos socialmente disseminados e predominantes em nossa cultura de monogamia e de conjugalidade como o espaço legítimo para o sexo feliz e saudável.

Nestes sentidos produzidos pela fala dos entrevistados, que atrelam o sexo ao amor e a situação conjugal, é possível retomar o que diz Foucault(1999) quando, em sua obra *A história da sexualidade I / A vontade de Saber*, defende que o discurso que a sociedade possui a respeito do sexo tem forte cunho ideológico e visa perpetuar noções de “normalidade” e “certo e errado”. Para este autor o sexo, na sociedade ocidental contemporânea, foi colocado em uma posição repleta de ambigüidade, sendo o casamento o único lugar em que o prazer sexual é legitimamente aceito, e falar sobre este assunto ou expressar desejos distintos da norma social tornou-se vergonhoso e patológico. Em suas palavras:

Toda esta atenção loquaz com que nos alvoroçamos em torno da sexualidade, há dois ou três séculos, não estaria ordenada em função de uma preocupação elementar: assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir a forma das relações sociais; em suma, proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora? (Foucault, 1999, p. 37).

Cabe ressaltar também o aspecto da identidade de gênero presente nas respostas dos indivíduos. Conforme o que foi considerado na fundamentação teórica a posição de masculinidade possui uma concepção de relação sexual permeada por questões culturais que permitem uma posição mais livre em relação ao sexo, principalmente no tocante a satisfação sexual atrelada ao ato em si, no sentido de prazer sexual, independente do contexto sentimental envolvido. De forma contrária, a posição feminina, em tese, sofre uma influência cultural que torna o discurso da mulher mais apegado à questão sentimental como decisiva na satisfação sexual. Apesar destas considerações serem importantes, pode-se dizer, ao observar as respostas de homens e mulheres obtidas nesta pesquisa, que, salvo em certos aspectos pontuais que inclusive já foram citados acima, as opiniões de homens e mulheres pouco diferem em relação a sentido atribuído a satisfação sexual.

4.1.2 RELAÇÃO SEXUAL RUIM

No tocante a insatisfação sexual, foi observado durante as entrevistas que os participantes atribuem sentido à uma relação ruim relacionando-a principalmente a falta de vontade ou a ter que fazer por obrigação, em consequência de uma relação conjugal que está ruim. A partir desta constatação, foi elaborada uma categoria de análise, conforme quadro abaixo, que englobasse todos os diversos sentidos atribuídos pelos entrevistados à infelicidade sexual. A tabela III a seguir traz um panorama da frequência com que se apresentou a categoria, bem como cada uma das subcategorias observadas:

Tabela III: Sentidos atribuídos pelos participantes à relação sexual ruim.

Cat.	Sub-Cat	Subfq.	Fq. Tot
Sentidos atribuídos à insatisfação sexual	Quando a relação conjugal está ruim	4	17
	Fazer sexo por obrigação matrimonial	4	
	Fazer sem estar com vontade por que o outro insiste ou força a relação	6	
	Não gosta / não tem amor pelo(a) parceiro(a)	3	

Esta categoria condensa os sentidos produzidos pelos indivíduos durante os seus discursos e, desta forma, permite uma visualização da influência do sexo na relação conjugal e vice-versa. Isto porque, foi notório o quanto as pessoas descrevem como relação sexual ruim as suas próprias experiências que, em cinco dos seis casos analisados, estavam sendo vividas na relação ou tinham sido o último estágio da vida sexual antes da separação de fato. Chamou a atenção, também, o fato de que todos os entrevistados compartilharam sentidos muito semelhantes no tocante a fazer sexo por obrigação matrimonial ou fazer estando sem vontade, somente porque o outro está insistindo ou forçando o ato. Para permitir uma melhor

compreensão dos sentidos formados nesta categoria, foram formadas quatro subcategorias que separam didaticamente o entendimento que os participantes têm de relação sexual ruim. São elas: quando a relação conjugal está ruim; quando as pessoas têm que fazer sexo por obrigação matrimonial; quando tem que fazer sexo sem estar como vontade porque o parceiro insiste ou força a situação; e, por fim, fazer sexo sem amor ou sem gostar da pessoa.

A subcategoria **fazer sexo por obrigação matrimonial** apresentou-se como uma das explicações mais utilizadas para dar sentido a uma relação sexual ruim. As falas dos participantes enquadradas nesta categoria fazem menção a um casamento infeliz, originado de uma situação indesejada como uma gravidez (três casos) ou um insucesso na relação que se perdura por anos (um caso). É marcante como as pessoas descrevem a infelicidade sexual por ter que cumprir o papel de cônjuge ao longo de anos sem esboçar uma atitude de procurar pela separação, até o ponto em que isto se torna insuportável e a pessoa acaba procurando ajuda para dar um desfecho ao relacionamento. Ilustram bem esta situação as seguintes falas de M 1: “[...] *quero escolher a pessoa e não fazer sexo me sentindo na obrigação de fazer[...]*”; ainda de M 1: “[...] *eu falava que não queria por que não amava e fazia o possível para evitar, mas ele meio que me obrigava porque ele ficava todo mal-humorado, nunca me agrediu mas ficava mal-humorado com os filhos e falava que ia se matar[...]*]. Importante salientar que M 1 descreve ter casado porque engravidou e, como era muito jovem, foi obrigada pelos pais a se casar.

A vinculação da pessoa ao casamento e o receio de separação e da solidão, até pela necessidade de aprovação social, geram uma dependência que toma conta da pessoa e gera sofrimento, fazendo com que viva infeliz muitas vezes durante anos. Este trecho, retirado da obra de Lins (2007), parece referenciar exatamente a situação relatada por M1 em sua fala apresentada no parágrafo anterior: “As mulheres tentam tudo para postergar a obrigação a que se impõem para manter o casamento. Quando o marido se mostra impaciente, não tem jeito, a mulher se submete ao sacrifício.” (LINS, 2007, p. 183). É importante aqui comentar que a citação acima faz parte de um contexto em que a autora se refere às mulheres infelizes e dependentes na relação conjugal e não se pode generalizar o que ela expressa a todos os relacionamentos conjugais. Os próprios dados desta pesquisa mostram que não são em todos os casos em que ocorre uma situação como esta.

A subcategoria **fazer sexo quando a relação conjugal está ruim** foi referenciada por quatro entrevistados e refere-se à prática sexual entre o casal que está com dificuldades na convivência diária e nas mais diversas questões relacionais. A fala do H3 mostra bem isso quando ele expressa a dificuldade de se ter prazer no sexo quando a convivência não vai bem: “[...] *não se bate o dia inteiro, pra chegar na cama a noite e fazer sexo não dá, as pessoas nem conversam, viram para o lado e dormem, aí passa a ser ruim.*[...]”.

A monotonia da relação conjugal, fruto da rotina e da perda da emoção peculiar a fase da paixão, em que tudo é novidade e descoberta, pode tornar-se uma das causas da infelicidade conjugal, da infidelidade e até da separação. Constata-se, nesta categoria, que por vezes, para estes entrevistados, as dificuldades da relação conjugal advindas da convivência diária, aliadas aos aspectos emocionais e sentimentais da relação, refletem diretamente na prática sexual do casal, que não é nada mais nada menos que uma manifestação, uma espécie de indicativo de como está a vivência da relação como um todo. Segundo Lins (2007) é normal que os cônjuges, depois de algum tempo de casamento, por vezes sintam um decréscimo no desejo sexual fruto dos conflitos mais diversos do dia-dia, que fazem com que a cansaço e o envolvimento com trabalho e compromissos ofusquem o amor e o desejo, fazendo com que as discussões ou desentendimentos relacionais reflitam uma falta de desejo ou perda da capacidade de obter prazer na relação sexual.

Observou-se na fala dos participantes e cabe ressaltar neste momento que estas ocasiões da relação em que a convivência e o sexo não estão bem, desestabilizam o sentimento amoroso e a disposição do casal em permanecer unido, gerando insatisfação e infelicidade conjugal. Se isto ocorrer por um tempo prolongado influencia na ocorrência da separação e faz pensar na parcela de importância que a infelicidade sexual tem neste processo.

A subcategoria **fazer sexo sem estar com vontade, devido a insistência do parceiro(a)** foi citada por todos os participantes da pesquisa sendo, portanto, um sentido compartilhado por 100% das pessoas entrevistadas. Este dado chama a atenção na pesquisa, pois sua frequência indica uma possibilidade de generalização maior que os outros dados colhidos até então. Quando as pessoas produziram sentidos referentes a esta subcategoria, pode-se notar que elas faziam referência a falta de vontade e de desejo em se relacionar no momento em que o parceiro queria, ou seja, acusavam um descompasso entre a vontade de se

relacionar de um e do outro. Corroborando para tornar a situação mais desagradável, todos citaram também a insistência do parceiro em procurar relação sexual, mostrando assim um desrespeito pela vontade do seu companheiro(a) e caracterizando até uma invasão da privacidade. A fala de H 2 resume bem a idéia acima: “[...] *Eu acho assim que é quando se faz por obrigação ou vice-versa, quando ela faz contigo por obrigação e não gosta de ti [...]*”.

Esta subcategoria mostra bem a situação do casamento monogâmico como ambíguo para as pessoas, pois ao mesmo tempo em que é tido socialmente como único lugar aceito para o sexo “moralmente correto” ou “normal”, mostra-se por várias vezes como um lugar em que não ocorre o desejo e a vontade, devido às próprias características e o contexto da relação, que contribuem para a diminuição do desejo. Até pelo fato da relação sexual depender da vontade das duas partes para que ela ocorra de forma satisfatória, é importante que o casal tenha certa sintonia e entrosamento no sentido de despertar o desejo do outro em um momento conveniente e que não invada a privacidade do parceiro(a). Se esta harmonia não ocorrer, a tendência é acontecer o que os entrevistados aqui descrevem, sendo que este entrosamento geralmente é reflexo da situação do casal de uma maneira mais ampla e tem papel importante na relação.

Corroborando com estes dados aqui obtidos, Lins (2007) relata que verificou em pesquisa com casais frustrados na relação que, depois de algum tempo de casamento, o casal ou não faz sexo ou uma das partes faz sem nenhuma vontade. Segundo ela, esse sexo indesejado e por obrigação é vivido também por pessoas economicamente independentes, que não necessitam do cônjuge para se manterem, mas que formam um vínculo de dependência emocional que faz com que se submetam a sacrifícios e vivam infelizes por muito tempo.

A subcategoria **fazer sexo sem amor ou sem gostar da pessoa** foi citada por três pessoas que consideram a falta do sentimento amoroso ou do gostar do parceiro(a) como um aspecto marcante para que uma relação seja insatisfatória. Foi possível notar no discurso destas pessoas o sentido que compartilham de que sem amor ou sem sentimentos o sexo fica sem sentido, sem razão de ocorrer e, portanto, ruim. A fala do H1 sintetiza bem este sentido atribuído insatisfação sexual: “[...] *Sexo não é pegar qualquer uma na rua e transar com ela [...]*”. Mais uma vez aqui aparece o que Foucault (1999) chamou de discurso a respeito de

sexo moldado ideologicamente pela cultura dominante. Nota-se que a fala das pessoas, bem como seus comportamentos, estão de acordo com o que é socialmente aceito e moralmente correto e, portanto, o sexo passa a ser restrito ao ambiente familiar em que existe o amor entre o casal, sendo isto disseminado, inclusive, como uma condição natural. Segundo esta concepção cultural qualquer outra manifestação sexual é considerada perversão ou imoral. No entanto é importante considerar aqui que quando é constituída a subjetividade da pessoa, a partir das suas vivências históricas, os valores e costumes que se formam com o sujeito passam a determinar seu campo de possibilidade de ação, ou seja, estas pessoas que apresentam o sentido desta categoria agem espontaneamente desta forma e se sentem satisfeitas assim. Ao mesmo tempo agir de outra forma e fazer sexo sem amor pode representar para estas pessoas uma agressão ou algo sem sentido.

4.2 A IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDA AO SEXO.

Para que se possa compreender as possíveis vinculações entre o sexo e o desencadeamento de um processo de separação é interessante que se observe com a devida atenção o grau de importância que as pessoas atribuem ao sexo em suas vidas e a consequência disto para as suas relações conjugais. Para tanto, foram buscados dados que permitissem perceber o sentido que as pessoas atribuíam a este assunto, bem como captar como os participantes descreviam as suas necessidades sexuais, principalmente no tocante ao número de parceiros desejado, ou seja, se a pessoa se satisfaz, ou satisfaz, somente com seu cônjuge, ou se julga que um ou mais relacionamentos extraconjugais são necessários para que ela se sinta satisfeita. Os resultados obtidos originaram duas categorias de análise que estão desenvolvidas abaixo.

4.2.1 SENTIDOS ATRIBUÍDOS À IMPORTÂNCIA DO SEXO NA RELAÇÃO

A primeira categoria, que foi relativa ao sentido atribuído à importância do sexo na relação, gerou apenas uma subcategoria, tendo em vista a unanimidade das respostas. O quadro abaixo traz uma visualização das informações obtidas.

Tabela IV: Sentidos atribuídos pelos participantes à importância da relação sexual.

Cat.	Sub Cat	Sub Fq.	Fq. Total
Sentidos atribuídos a importância do sexo na relação	Sexo como muito importante/fundamental para o relacionamento	6	6

A subcategoria que engloba as respostas em que **o sexo figura como muito importante ou fundamental para o relacionamento** abrangeu todos os entrevistados. Foi unânime que para a felicidade do casal e para o sucesso da relação, a qualidade da vida sexual é um aspecto considerado indispensável. Isto se mostra como um indicativo que conduz a conclusão de que o sexo tem um sentido importante e contribui para a falência da relação podendo chegar a separação, até porque é na relação conjugal que as pessoas encontram um acesso a uma vida sexual ativa e relativamente segura. A frase de H2, que originou o título deste trabalho, representa bem esta concepção: “[...] *porque em um casal sexo não é tudo, mas é 80 % , se o casal não viver bem no sexo o casamento nem começa*[...]”. No mesmo sentido afirma M3: “[...] *para mim é bem importante, acho que é fundamental os dois se darem bem na relação, não deixarem que caia na rotina e tudo mais, acho indispensável para a felicidade do casal* [...]”

Nesta categoria observa-se um sentido compartilhado por todos os entrevistados, o que permite visualizar uma possibilidade de generalização deste dado tão significativo. Independente de sexo ou idade, todos consideraram o sexo como fundamental para um relacionamento dar certo e ser feliz. Nesta ótica, confirmam-se o conceito de sentido desenvolvido no referencial teórico como algo compartilhado no social e que está presente quando se manifesta em cada indivíduo inserido em uma determinada cultura. A unanimidade aqui encontrada traz à tona a seguinte frase de Spink (2004):

O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas, na dinâmica das relações sociais, historicamente datadas e culturalmente localizadas, constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta (SPINK, 2004a, p.48).

Desta forma, considerando este grau de importância atribuído ao sexo na relação, pode-se concluir que, para o universo considerado, a vida sexual possui determinada importância na manutenção do casamento e, conseqüentemente, na separação, constatação esta que atende aos objetivos deste trabalho e corrobora significativamente para a formulação das conclusões.

4.2.2 SENTIDOS ATRIBUÍDOS À NECESSIDADE SEXUAL PELOS ENTREVISTADOS

Cabe ressaltar na análise desta categoria o conceito de “sexualidade plástica” desenvolvido por Giddens (1993), principalmente no tocante a desvinculação do sexo da relação conjugal e dos padrões morais de monogamia e heterossexualidade. Para este autor a principal característica desta forma de expressão da sexualidade é o seu desapego a necessidade de reprodução e a liberdade de expressão do desejo sexual que pode adotar diversas formas, o que se torna possível quando o ambiente social proporciona ao homem e a mulher a busca livre pelo prazer e satisfação sexuais. Diante desta concepção perguntou-se aos entrevistados qual a opinião que tinham a respeito de necessidade sexual no tocante a número de parceiros desejados, ou seja, se desejam ou não serem infiéis. Como resultado observou-se que esta segunda categoria foi dividida em duas subcategorias: aqueles que julgam a relação sexual conjugal como suficiente e os que necessitam de uma relação extraconjugal para se considerarem satisfeitos.

Tabela V: Sentidos atribuídos pelos participantes à necessidade sexual.

Cat.	Sub Cat	Sub Fq.	Fq. Total
Sentidos atribuídos à necessidade sexual da pessoa entrevistada	A relação sexual com o cônjuge é/foi suficiente	5	6
	Deseja/Necessita de um, ou mais, relacionamentos extraconjugais.	1	

A subcategoria compreendida pelas respostas em que **a relação sexual com o cônjuge é ou foi suficiente** apareceu em cinco dos seis casos citados. Cabe ressaltar que a fala destas pessoas estava sempre atrelada à presença de amor e felicidade conjugal para que a fidelidade fosse considerada suficiente. Até mesmo as pessoas que estavam se separando de uma relação conjugal infeliz e sem satisfação sexual, mostraram-se desejosos de estabelecer uma relação amorosa fiel, por considerarem que somente o sexo com amor satisfaz. Conforme diz M3: “[...] gosto de fazer amor com quem eu amo com quem tenha carinho, respeito com uma pessoa que esteja me relacionando, meu marido ou namorado, só me sinto bem assim,, não acho legal ter várias relações com pessoas diferentes[...]”.

O fato da maioria das pessoas entrevistadas compartilharem deste sentido de fidelidade como opção de comportamento sexual que as conduzem a felicidade, faz pensar na idéia de um discurso com ares de “normalidade” e de acordo com a moral e os costumes vigentes na sociedade ocidental cristã. Relacionando isto com o referencial teórico deste trabalho, pode-se concluir que a concepção dos entrevistados quanto a este assunto pode tratar-se de uma manifestação de um discurso de um comportamento socialmente esperado ou moralmente correto feito perante o entrevistador, o que seria de certa forma compreensível. Mas também, conforme defende Foucault (1999) em sua obra “*A História da Sexualidade*”, pode referir-se a um discurso ideologicamente constituído no social. O sociólogo Giddens(1993) defende que na atualidade os relacionamentos adquirem novas formas que rompem com os conceitos rígidos do século passado. Para este autor hoje está em voga o “amor confluyente”, que é aquele que deixa de lado as idealizações e fantasias inerentes ao “amor romântico” para se pautar na realidade. Sendo assim, a satisfação sexual mútua tem papel central na manutenção ou dissolução da relação, e não se exige monogamia nem heterossexualidade, mas sim satisfação com a relação, o que o torna uma verdadeira expressão da pós-modernidade. Trazendo este conceito para a análise desta categoria em pauta, pode-se verificar que os sujeitos entrevistados ainda se mostram ligados a uma concepção de relação monogâmica e heterossexual, sendo que em apenas um dos casos os sentidos de infidelidade produzidos pelo indivíduo se encaixaram no conceito de Giddens apresentado acima. Fica evidente nesta categoria o quanto os participantes procuram aproximar o sexo do amor, o que é um movimento construído socialmente em nossa cultura. Segundo esta afirmação

Vistos de uma perspectiva histórica e transcultural, amor, sexo e casamento raramente “coincidiram”. Cada um dos três desenvolveu-se independentemente. E foi apenas nas sociedades contemporâneas ocidentais que acabaram “espremidos” em um único pacote cultural (HOSCHSCHILD, 1976, *apud* JABLONSKI, 1998, p. 107).

Porém, apesar de serem distintos e independentes, o sexo e o casamento quando conciliados em uma relação conjugal podem perdurar por muito tempo e, se isto estiver de acordo com os valores morais dos integrantes da relação, a fidelidade pode ser um aliado da relação e contribuir para que exista confiança, respeito e consideração entre o casal, sendo esta a idéia principal observada na fala destes entrevistados.

A subcategoria em que a pessoa afirma que **necessita ou deseja manter um ou mais relacionamentos extraconjugais** foi citada por apenas um entrevistado, que de forma categórica afirmou que não deseja mais um relacionamento conjugal porque não consegue viver com apenas uma mulher por considerar isto muito cansativo e repetitivo. Este entrevistado diz que gosta de conhecer e se relacionar com pessoas diferentes e que só conseguiu se manter fiel nos primeiros anos de relação, sendo que hoje aos quarenta anos não se enxerga apenas com uma mulher. Em suas palavras H2 diz: “[...] *pra mim, acho que uma mulher não é o suficiente, eu sou homem, tem cara que é calmo, mas eu sempre fui agitado, eu na minha cabeça acho que uma mulher não é o suficiente, uma mulher só é pouco, tenho meus quarenta anos e sei lá, eu acho que agora não conseguiria viver com uma mulher só[...]*”.

Esta é uma fala masculina, em que se pode observar nitidamente a identidade de gênero latente e influenciando fortemente os valores e as falas de H2. Como já foi dito no referencial teórico deste trabalho a posição masculina passa pela noção de chefe do lar, de poder e de conseqüente submissão feminina, o que pode ser visto quando o entrevistado afirma que acha uma mulher muito pouco porque é homem, como se esta posição masculina lhe desse o direito de trair ou sentir desejo de trair e como se isto não pudesse ocorrer com a mulher. Através dessa fala H2 justifica sua atitude de traição, como se encontrasse respaldo em sua posição de homem para manter relações extraconjugais. Encontra-se aqui, no sentido produzido por este indivíduo, a idéia de infidelidade como aceitável para o homem, o que foi apresentado por Giddens(1993) quando o autor, ao discutir questões de gênero, afirma que têm sido aceitáveis os múltiplos relacionamentos sexuais do homem antes do casamento,

além do que a infidelidade masculina é muito mais previsível e relevante do que a feminina ao longo da história.

Este sentido produzido por H2, conforme abordado no parágrafo anterior, é permeado pela questão do gênero e, como tal, mostra-se como uma construção social compartilhada por uma cultura machista ainda muito presente na sociedade ocidental do século XXI. Segundo Giffin (2005), o “machismo” ainda está presente nas relações cotidianas entre homens e mulheres, porém está cada vez mais camuflado devido às mudanças de atitudes das mulheres. A partir desta perspectiva, conclui-se como o discurso e o comportamento de H2 são reflexos do ambiente social em que ele encontra-se inserido, ou seja, a rede de relações que este homem estabeleceu ao longo de sua vida e que o permitiu pensar assim.

O desejo sexual por outras pessoas diferentes do cônjuge é muito comum nas pessoas, sendo o controle deste um fator importante para a cultura ocidental em que o casamento monogâmico ainda é a estrutura predominante. Nas palavras de Lins (2007, p.186): “Todas as pessoas são afetadas por estímulos sexuais novos vindos de outras pessoas que não são os parceiros fixos. Esses estímulos existem e não podem ser eliminados.” Abdo (2004) apresenta números que comprovam estas colocações: entre 3740 homens que participaram da pesquisa por ela realizada em diferentes estados do Brasil, o Paraná foi aquele em que os homens mostraram-se mais fiéis, com 42,8% assumindo que já traíram, e a Bahia foi o estado com maior número de infiéis, 64% dos homens admitiram a traição; entre as mulheres, de 3106 participantes, o Paraná também foi o estado mais fiel, com 19,3% delas admitindo já ter traído, enquanto que o Rio de Janeiro foi o estado com maior número de traições por parte das mulheres, 34,8%. Nesta pesquisa este alto índice de casos extraconjugais não foi detectado, o que contraria dados presentes na literatura e coloca em questão qualquer generalização neste sentido e concepções tendenciosas a defender que o casamento monogâmico em que ocorre a fidelidade é uma instituição falida.

4.3 AS MUDANÇAS NA ATRAÇÃO SEXUAL DURANTE A RELAÇÃO

O casamento monogâmico e por amor, concepção atualmente difundida em nossa cultura e que há muitos anos move o comportamento de homens e mulheres em busca da felicidade, tende a gerar uma diminuição do desejo sexual do casal ao longo da relação.

Segundo Lins (2007), a convivência e a monotonia da rotina fazem com que a atração sexual do casal tenda a desaparecer. A autora defende que a rotina aliada à falta de mistério, as brigas, a obrigação de fidelidade e ao final da fase de descoberta típica do início das relações, faz com que o desejo sexual vá lentamente desaparecendo, principalmente quando o casal não percebe a monotonia e não toma nenhuma medida para evitá-la. Nas suas palavras, Lins (2007, p. 182) afirma: “Nas relações estáveis não há emoção. O sexo se torna tão tedioso quanto qualquer outro aspecto da relação. Dor de cabeça, cansaço, preocupação com o trabalho ou família são as desculpas mais usadas.”

Neste capítulo, procurou-se a coleta de dados que permitissem a visualização de um panorama comparativo entre a atração sexual do casal no início e no final da relação. Com isso, espera-se aproximar, cada vez mais, de uma compreensão a respeito do papel do sexo no término de uma relação conjugal, seja este papel decisivo ou irrelevante. O quadro abaixo condensa os dados obtidos.

Tabela VI: Sentidos atribuídos pelos participantes às mudanças na atração sexual.

Cat.	Sub Cat.	Sub Fq.	Fq. Total
Sentidos atribuídos às mudanças na atração sexual ao longo da relação conjugal	A atração foi grande do início ao fim da relação	1	6
	Nunca houve atração sexual entre o casal	2	
	No começo havia muita atração e no final havia muito pouca.	3	

De acordo com o processamento das informações coletadas, formou-se uma categoria de análise que reúne os sentidos atribuídos às mudanças na atração sexual ao longo da relação conjugal. Esta categoria, de acordo com o conteúdo das falas, foi dividida em três subcategoria que expressam os diferentes sentidos produzidos pelos participantes, sendo elas: a atração foi grande do início ao fim da relação; nunca houve atração, que apareceu em dois casos em que a pessoa casou-se por obrigação e contrariada por ter engravidado; e os casos

em que a atração foi grande no começo e no final já havia se esgotado ou era muito pequena. Segue abaixo a análise teórica de cada subcategoria.

A subcategoria que reúne os casos em que **a atração sexual sempre foi grande na relação** foi observada em apenas uma das seis pessoas entrevistadas. Cabe ressaltar que essa entrevistada relata que não convivia com seu cônjuge, com o qual se juntou por união estável após ter engravidado. Ela relata que sempre gostou do seu parceiro e, mesmo com a separação continua gostando. Segundo suas palavras eles sempre moraram em casas diferentes e principalmente nos finais de semana passavam juntos na mesma casa com o filho. Segundo suas palavras: “[...] *no meu caso não houve a perda do desejo sexual da minha parte e se tu me perguntar eu vou dizer que ainda gosto dele [...].*”

Ao se considerar este caso, como sendo o único em que não houve perda do desejo sexual durante o relacionamento, é importante frisar que a entrevistada não teve a iniciativa da separação e se descreve como ainda gostando do seu parceiro, bem como ainda sentindo-se atraída sexualmente por ele. Segundo ela, o sexo sempre foi um fator de união do casal, que diante das saudades que constantemente sentiam por passarem a semana toda separados, encontravam na satisfação sexual um fator de união do casal. Segundo ela a separação ocorreu porque ele possui outro relacionamento e deseja se separar. Neste caso nota-se que a vida sexual foi um fator que adiou a separação e, portanto, uma exceção entre os demais.

A subcategoria que reúne os casos em que **a atração sexual entre o casal nunca existiu** foi observada em duas das seis pessoas entrevistadas, e reuniu os casos em que as mulheres foram obrigadas por seus pais a se casarem por terem engravidado muito jovens. É interessante ressaltar que enquanto uma afirmou não ter nenhuma atração por seu marido, que sempre a amou muito, a outra que gostava de seu cônjuge não tinha reciprocidade em sua relação conjugal, ou seja, o marido não gostava dela. Segundo M1: “[...] *eu engravidei e a gente se casou, assim... mas eu nunca fui apaixonada por ele, a gente fez sexo uma vez só e eu engravidei [...]*”. Ambos estes casos são bem peculiares e coincidiram de aparecer nesta pesquisa, sendo que corroboraram no sentido de mostrar o quanto estas mulheres se dizem infelizes com a vida sexual que tiveram e, portanto, o quanto o sexo se mostrou um fator importante na separação.

A subcategoria que reúne os casos em que **no começo havia muita atração e no final havia muito pouca** foi a mais observada, sendo que metade dos entrevistados relatou esta situação. Estes casos em que houve o declínio do desejo sexual ao longo da relação foram observados em pessoas que viveram uma relação estável e duradoura, convivendo com o parceiro diariamente e constituindo uma família. Nota-se, na fala destes três entrevistados, o quanto era difícil e escassa a ocorrência de uma relação sexual nos últimos anos de relação. As pessoas relatam artifícios usados para evitarem o sexo e atribuem a sua ocorrência constantemente a uma obrigação matrimonial, algo sem desejo e sem graça. Segundo H1: “[...] eu fiz um pavimento e no segundo andar da minha casa montei um escritório para mim e eu ficava lá, ia dormir só meia-noite pra ver se quando chegava na cama ela já estava dormindo, não tinha mais cabeça para isso[...]”. Evidencia bem estas idéias também a fala de H3: “[...] tava fazendo por fazer, para dizer que era coisa de marido, mas não tinha mais vontade na relação[...]”. Interessante a fala de M3: “[...] o amor eu acho que acabou, acabou a atração, aquela coisa... ficou mais a amizade, só a amizade continua[...]”

Relatos e explicações teóricas para este declínio do desejo ao longo do relacionamento conjugal são freqüentemente encontrados na literatura científica. Para Jablonski(1998) as características do ato sexual “normal” na cultura ocidental cristã, ou seja, o fato de ser controlado pelo homem, a partir de sua iniciativa, orientado para o orgasmo masculino, com ênfase no pênis, na penetração e com pouco caso em relação ao clitóris, entre outros, criam um ambiente propício para a indisposição feminina, o que afeta a relação de um casal estável. Segundo Lins (2007), em qualquer forma de relação estável é comum ocorrer um conflito entre a diminuição do desejo sexual a partir do momento em que aumenta a ternura e o companheirismo entre os parceiros. Este declínio pode fazer com que o sexo acabe se tornando um hábito ou um dever, o que se mostra mais freqüente nas mulheres, mas também acomete os homens. Esta autora tem um ponto de vista bem radical ao afirmar que “A relação amorosa e sexual com a mesma pessoa por um tempo prolongado leva à falta de estímulo e interesse. Tudo fica repetitivo e sem graça. O desejo sexual está ligado à magia, ao encantamento, à descoberta nossa e do outro. Numa relação estável isso não ocorre.” (LINS, 2007, p. 185).

Cabe aqui relativizar a fala desta autora, pois não se pode conceber esta diminuição do desejo sexual ao longo da relação como algo certo e sempre previsível. Em outra pesquisa feita por Abdo (2004), são apresentados dados que mostram que 57,3% das

mulheres e 50,1% dos homens relatam o cansaço como o principal fator que afeta o desejo sexual, seguido por 24,6% das mulheres e 27,3% dos homens que relatam o parceiro(a) antigo(a) como um fator de falta de desejo. Estes números não referem uma maioria, sendo que nesta pesquisa a fala de três dos sujeitos que se encaixaram nesta subcategoria de análise, ou seja, 50% dos entrevistados, o que reflete uma certa importância e permite concluir a respeito da existência de uma determinada influência da vida sexual na separação.

4.4 AS RELAÇÕES ENTRE SEXO E SEPARAÇÃO

Por fim este capítulo traz os sentidos produzidos pelos entrevistados quando perguntados sobre a relação que conseguem fazer entre a vida sexual que tiveram durante a relação e o desencadeamento do processo de separação. Esta temática é um dos pontos principais deste trabalho, sendo que neste capítulo interessará a análise do que cada entrevistado conseguiu fazer de relação entre sexo e separação dentro do contexto vivido em seu relacionamento. Mais do que nunca cabe aqui uma observação cerrada aos sentidos produzidos pelos participantes, pois a personalidade de cada um, fruto das vivências familiares, históricas e culturais é um fator decisivo no que é produzido ao se deparar com uma pergunta que muitas vezes nunca havia lhe ocorrido em pensamento e a pessoa passa a produzir sentido enquanto fala. Segundo Spink (2004) a produção de sentido é uma constante no meio social e faz parte da condição humana, sendo que essa atividade é desenvolvida nas relações do cotidiano, tanto quando se produz ciência a partir de um discurso rebuscado em regras e métodos como quando se desempenha uma atividade rotineira típica do cotidiano. Retomando o que já foi dito no referencial teórico a autora defende a idéia de que a partir da produção que se consegue conviver e lidar com as situações e fenômenos do dia-dia, sendo que quando se tem que falar ou pensar sobre algo inesperado ou inédito, quando se responde a perguntas até então não cogitadas, a produção de sentido se dá simultaneamente a fala, ou seja, ao mesmo tempo em que se produz linguagem se produz sentido sobre o que se está falando, sendo isto de sumária importância na análise deste capítulo.

O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas, na dinâmica das relações sociais, historicamente datadas e culturalmente localizadas, constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta (SPINK, 2004a, p.48).

Segue abaixo o quadro que sintetiza os resultados obtidos neste capítulo com as respectivas categoria e subcategorias de análise apresentadas de acordo com a frequência em que surgiram.

Tabela VII: Sentidos atribuídos pelos participantes à relação sexual ruim.

Cat.	Sub Cat.	Sub Fq.	Fq. Total
Sentidos atribuídos pelos participantes à relação entre vida sexual e separação.	O Sexo foi determinante na separação	3	6
	O Sexo foi pouco influente na separação	2	
	Não houve influência da vida sexual no desencadeamento da separação	1	

As respostas obtidas que se enquadram na categoria de análise dos sentidos atribuídos à relação entre vida sexual e separação mostraram-se extremamente ricas em informações pertinentes ao conteúdo deste trabalho. Pode-se dizer que este foi o momento mais rico em termos de produção de sentidos a respeito de sexo e separação, tanto no tocante aos aspectos sentimentais da relação como no quesito da satisfação com a relação sexual em si. Para fins de análise foi necessário dividir esta categoria em três subcategorias que são as seguintes: o sexo como determinante na separação; o sexo como pouco influente na separação; e o caso em que não houve influência da vida sexual no desencadeamento da separação.

A subcategoria em que o sexo surgiu como **determinante para o processo de separação** ficou bem caracterizada no discurso metade dos entrevistados, sendo eles dois homens e uma mulher. A mulher relatou que casou por obrigação ao ter engravidado muito nova e que não teve opção de escolha, sendo que ela diz que buscou a separação principalmente para poder ser feliz em uma relação, o que diz nunca ter vivenciado. Segundo suas palavras: “[...] *eu também tenho o direito de ser feliz com outra pessoa, de amar alguém e me relacionar com quem tenha vontade, é isso que eu sempre quis e é por isso que meu casamento chegou ao fim [...]*”. Já os casos dos homens são semelhantes entre si, pois ambos

dizem que buscam a separação devido, entre outros motivos, a perda da atração e do desejo por suas companheiras ao longo das relações, que se tornaram monótonas e repetitivas. A fala de H3 resume bem a idéia desta categoria: “[...] *perdemos aquele desejo, não tinha mais aquele negócio... e foi isso que provocou a separação, influenciou bastante, eu queria uma pessoa que chegasse e fizesse carinho*[...]. Estes sentidos atribuídos por estes entrevistados mostram o peso que a satisfação com a relação sexual tem nos seus relacionamentos e o quanto consideram este aspecto fundamental para a continuidade ou o término de uma relação conjugal.

A subcategoria em que o sexo apareceu com **pouco influente para o processo de separação** foi caracterizada por duas vezes e o sentido entre os participantes que se posicionaram desta forma foi muito semelhante. A idéia central da fala deles refere-se ao sexo como algo que pesa na felicidade conjugal, mas que não aparece como decisivo ou como algo capaz de decidir os rumos que a relação deve tomar. Apesar de considerarem o sexo como não determinante, estes entrevistados não deixam de citar que as frustrações com a qualidade da vida sexual ajudaram no desencadeamento do processo de separação e isto, apesar de não ter sido fundamental, de alguma forma interferiu para a ocorrência da separação. A fala de H1 expressa bem o conteúdo das falas enquadradas nesta categoria: “[...] *foi a situação que desencadeou a separação, foi isso que aconteceu, a forma de convivência, a forma de tratamento, eu não diria que a vida sexual restrita foi o que gerou a separação*[...]”.

A subcategoria em que ficou caracterizado que **não houve influência da vida sexual no desencadeamento da separação** foi citada em apenas uma das entrevistas e foi justamente o caso em que a mulher relatou que ainda gostava de seu parceiro, ainda sentia-se atraída e não tinha vontade de se separar. Este caso foi o mesmo em que se encontrou uma atração sexual grande do começo ao fim da relação na categorização feita a respeito das mudanças na atração sexual ao longo da relação. Para ela, o desejo e a atração pelo marido continuam existindo e portanto não considera que foi a vida sexual o desencadeador da separação. Ela diz: “[...] *no meu caso não porque não houve a perda do desejo sexual da minha parte*[...]” O curioso, neste caso, foi que esta mulher durante sua fala produziu um sentido que soou como novo para ela mesma. Isto ocorreu quando disse que se o sexo influi no seu relacionamento foi no sentido de fazer com que ele durasse mais, pois sempre foi tão bom e se não fosse isso talvez teria acabado muito antes pois a ausência dele sempre a incomodou muito. Segundo sua fala: “[...] *mas pode ser ao contrário, pode ter ajudado a gente a ficar seis anos, porque sempre foi boa a relação sexual*[...]”

Cabe ressaltar que, em todos estes casos, o momento de relacionar o sexo com a separação foi observado como um dos mais ricos na produção de sentidos a respeito da temática deste trabalho, sendo que as inferências a respeito destas falas têm por objetivo identificar o contexto em que ocorrem e o seu significado para cada indivíduo que fala. Sendo assim, é importante ressaltar que a subjetividade influi bastante no seu modo de constituir uma sexualidade e de se relacionar com o parceiro(a) sexual a partir desta construção e, portanto, o modo de dar sentido a isto tudo é muito pessoal.

O indivíduo desenvolve seu auto conceito na relação com o outro e o *eu* é mediado pela identidade, fenômeno psicossocial que faz parte de um processo coletivo. A sexualidade é uma das formas pelas quais o indivíduo percebe a sua identidade, quem ele é e o impacto que provoca nos outros. Assim, o individual só pode ser entendido dentro do contexto social e do mundo das relações. (SEIXAS, 1998, p. 213)

Segundo Aguiar (2006), para Vigotski a concepção de ser humano e de seus comportamentos passa pelo entendimento da gênese do social com o individual, o que para Oliveira *apud* Aguiar (2006, p. 2) significa que a compreensão da condição humana passa "pela compreensão de como a singularidade se constrói na universalidade e, ao mesmo tempo e do mesmo modo, como a universalidade se concretiza na singularidade, tendo a particularidade como mediação". De acordo com este raciocínio, constata-se que os sentidos produzidos por todos os participantes desta pesquisa, nos mais diversos aspectos abordados, são fruto do social e apresentam-se singularizados por múltiplas determinações do mundo das relações, que através das mediações sociais geraram as particularidades individuais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente capítulo destina-se a condensar as conclusões mais importantes alcançadas durante o trabalho e tem por finalidade concatenar as idéias apresentadas e fazer um fechamento a respeito dos sentidos atribuídos por homens e mulheres à relação entre vida sexual e o desencadeamento da separação. Neste momento é importante retomar a concepção inicial que deu origem a este trabalho de pesquisa, para que em um segundo momento se possa verificar como os objetivos foram atingidos e como as conclusões aqui contidas poderão contribuir para a atuação do psicólogo, seja em campos de atuação profissional, como, por exemplo, a mediação familiar, seja em futuras pesquisas nesta área.

O ponto de partida deste trabalho foi a atuação do acadêmico de psicologia no campo profissional da Mediação Familiar em um Fórum da Grande Florianópolis, local em que são recebidos casais em processo de separação que desejam a resolução de conflitos e a realização da separação judicial. O Serviço tem caráter social, sendo, portanto, gratuito e oferecido exclusivamente para casais com renda total de até cinco salários mínimos. O processo de mediação dura em torno de três a oito sessões e ao final existem, basicamente, dois destinos possíveis: ou o casal chega a um acordo que é produzido pela equipe de mediação e homologado pelo juiz; ou, caso não se consiga o acordo, o casal é encaminhando para a assistência judiciária gratuita para fazer a separação litigiosa.

Neste campo de atuação profissional, o psicólogo atua como mediador ou como co-mediador, acompanhando outro psicólogo que media a sessão. Apesar de parecer simples o papel de mediador e, em tese, poder ser executado por profissionais de diversas áreas, a tarefa de promover a resolução de conflitos e a transformação do casal exige uma capacidade e um preparo no sentido de perceber e facilitar a dissolução de conflitos. Considerando que as questões do litígio de um casal, sejam elas referentes à divisão de bens, guarda dos filhos ou pensão de alimentos, refletem sempre o contexto emocional dos cônjuges, é importante perceber a possível influência de divergências oriundas da vida sexual. Muitas vezes, o discurso inicial dos participantes omite estas questões, sendo de fundamental importância ao mediador compreender as possíveis influências do sexo na separação, o que poderá ajudá-lo na dissolução de pendências e na resolução de conflitos.

O sexo como tema de pesquisa, principalmente quando o universo pesquisado se resume a pessoas em processo de separação, pode ser encarado como um assunto difícil de ser falado, ou um tanto quanto constrangedor, principalmente por parte das mulheres que se

depararam com um pesquisador homem. Porém, durante a execução dos trabalhos de campo, os participantes mostraram-se muito solícitos e em momento algum se pôde perceber constrangimentos ou indisposições por parte tanto dos homens como das mulheres que se dispuseram a colaborar na pesquisa. Ao mesmo tempo em que é um tema difícil, o sexo e o discurso ao seu respeito geram certo fascínio e curiosidade por parte das pessoas que travam contato com uma pesquisa a este respeito, o que faz deste trabalho uma fonte de conhecimento interessante e útil em vários aspectos. Ao mesmo tempo, por ser o sexo um tabú na nossa cultura, deve-se considerar importante para esta pesquisa o quanto as pessoas podem ter respondido as questões movidas pela preocupação em mostrarem-se de acordo com padrões e normas sociais, o que naturalmente pode ocorrer diante de um tema tão íntimo e que pode encabular a pessoa que se mostre diferente do que é socialmente esperado.

Feitas estas ressalvas a respeito do conteúdo e das possíveis interferências nos resultados obtidos, cabe ressaltar que durante todo este trabalho de pesquisa, o foco principal do raciocínio do pesquisador foi a busca pelo sentido que as pessoas atribuíam aos assuntos que eram perguntados, o que significa que não existiam respostas certas ou erradas, bem como não se necessitava enquadrar as respostas em padrões teóricos ou conceitos fechados. O que importou sim foi a compreensão que as pessoas faziam dos assuntos perguntados, o que varia significativamente de acordo com a história de cada um, com a personalidade constituída dos participantes, bem como de todos os aspectos biopsicossociais constituintes dos sujeitos participantes. Apesar disto, em muitas conclusões as quais se pôde chegar, foi possível verificar que os entrevistados por muitas vezes compartilham de sentidos semelhantes, o que mostra a determinação do social na constituição do sujeito, bem como mostra que o ser humano, quando mergulhado em uma cultura, se apropria e passa a compartilhar de condutas e conceitos de certa forma comuns.

O problema de pesquisa criado para discutir a temática deste trabalho foi caracterizar o sentido atribuído por pessoas em separação ao sexo como fator desencadeante do processo de divórcio. Para que se pudesse responder ao objetivo geral proposto a partir desta problemática inicial, foi pensado um caminho lógico que abordasse o tema de forma completa e permitisse ao final concluir a respeito do peso do sexo na separação. Sendo assim, inicialmente julgou-se necessário verificar o que as pessoas consideram uma relação sexual satisfatória, bem como o oposto, em seguida, pensou-se em compreender a importância dada ao sexo para, depois, possibilitar a pessoa perceber e falar a respeito das mudanças na atração e no desejo sexual ao longo da relação. Percorrido este caminho, foi possível solicitar a pessoa

sua opinião a respeito da relação entre a vida sexual que levou com seu parceiro(a) e o desencadeamento da separação, o que considera-se um dos objetivos mais importantes do trabalho. Este questionamento, por vezes, gerou a produção de sentidos no mesmo momento em que a pessoa expressa o que pensava, principalmente por se tratar de uma ligação de idéias que muitas vezes passam despercebidas por quem termina um relacionamento. Ao se atingir a etapa final do trabalho, pode-se afirmar com convicção que os mais diversos objetivos de pesquisa foram plenamente atingidos, sendo que segue abaixo uma pequena compilação de tudo que se pode concluir a respeito do que foi pesquisado.

No tocante a satisfação sexual, investigou-se o sentido que as pessoas atribuem a uma relação sexual boa e ruim, sendo que foi constatado que os participantes da pesquisa relacionam satisfação sexual a sentimentos e afinidades existentes entre os parceiros sexuais. Provavelmente pelo contexto de vida destas pessoas, ou seja, em processo de separação, o sentido dado à satisfação sexual, bem como a insatisfação, foi relacionado ao que vivenciaram durante a relação com suas ou seus parceiros(as). Desta forma, gostar ou amar a pessoa com quem se relaciona, bem como sentir atração ou desejo foram os aspectos mais recorrentes e, portanto, considerados como mais importantes para que uma relação sexual seja considerada boa. Em menores proporções foram citados outros aspectos peculiares as relações conjugais e sentimentos como respeito, amizade, companheirismo, prazer, doação e carinho. Em termos de insatisfação sexual, ou seja, aspectos que tornam uma relação sexual ruim, considerando que o referencial das pessoas continuou sendo as suas próprias relações conjugais, observou-se que o grande fator de insatisfação, tanto para homens como para mulheres foi sentir-se forçado a fazer sexo sem estar com disposição, somente porque o parceiro(a) insiste. Foram citadas também, em menores proporções, situações em que a relação conjugal vai mal, ou o sexo sem amor, com uma pessoa desconhecida.

Quanto à importância dada à vida sexual para a relação, foi perguntado ao entrevistado qual a sua opinião a este respeito, e o sentido que a pessoa atribui a sua necessidade sexual em termos de fidelidade, ou seja, se a pessoa julga que é feliz apenas com seu cônjuge ou se reconhece que só se sente satisfeita com relacionamentos extra-conjugais. Em termos de importância do sexo na relação, todos o consideram como fundamental para o sucesso da relação. Da mesma forma, foi praticamente unânime as respostas que indicaram que, quando da ocorrência de uma relação conjugal feliz, com a presença de amor e intimidade entre as partes, o sexo com apenas o parceiro é suficiente e desejado. Somente um

dos participantes declarou que aos quarenta anos, concluiu que não se satisfaz apenas com uma parceira, necessitando relacionar-se com pessoas além da esposa para se considerar feliz.

Quanto às variações da atração e do desejo sexual ao longo da relação sexual, foi possível constatar três situações diferentes. Em apenas um dos casos não houve mudança na atração, que se manteve sempre grande. Em dois dos casos, a relação foi fruto de gravidez indesejada e o casamento se deu por obrigação, não havendo por parte dos entrevistados desejo sexual em nenhum momento. Já em três casos, ou seja, 50% dos participantes, foi citada uma diminuição na atração sexual do começo em relação ao final da relação, o que foi relacionado com a rotina e a monotonia típicas da situação conjugal.

Por fim, foi solicitado as pessoas que relacionassem a vida sexual que tiveram com a ocorrência da separação. Neste sentido, três pessoas consideraram que o sexo foi determinante na separação, sendo que a insatisfação com a relação que estavam tendo foi um fator importante na tomada da decisão de se separar, cabendo ressaltar que duas destas casaram-se por obrigação e relataram nunca terem sido sexualmente felizes na relação. Duas pessoas relataram que o sexo foi pouco influente, ou seja, foi apenas mais um fator presente na crise da relação, não sendo o determinante ou mais importante. Apenas uma pessoa considerou o sexo como irrelevante na separação, sendo esta a mesma que relatou manter-se bastante atraída sexualmente por seu parceiro durante os seis anos da relação e não desejar separar-se.

Considerando todos estes resultados obtidos, e observadas às devidas limitações deste trabalho, acredita-se que os objetivos foram atingidos com êxito e espera-se que de posse dos dados aqui analisados o mediador possa ampliar sua percepção a respeito dos conflitos matrimoniais peculiares a um processo de separação e, desta forma, aumente sua eficiência profissional. Ainda, espera-se que este estudo some no conhecimento científico existente, sendo um referencial para novas pesquisas, principalmente para os profissionais da mediação familiar que, a partir desta idéia, podem desenvolver estudos que explorem como os aspectos da vida cotidiana dos casais influenciam nos conflitos emocionais e nas questões sentimentais. Desta forma, este campo de atuação poderá obter ganhos inestimáveis e avançar em prol do seu usuário, a população.

Após todas estas informações e feitas às devidas análises, conclui-se esta pesquisa reafirmando a sua temática expressa no título e deixando em aberto, para novas discussões a este respeito, a seguinte pergunta: sexo não é tudo, mas é quanto %?

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J; OZELLA, SÉRGIO Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 26, n.2, jun. 2006.

ANTON, I. L. C. **A escolha do cônjuge**: um entendimento sistêmico e psicodinâmico. 1 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

ABDO, C. **O descobrimento sexual do Brasil**. 1 ed. São Paulo: Summus, 2004.

ARAÚJO, M. F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicol. Cienc. Pro.**, v. 22, n.2, p.70-77. jun. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200009&Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 mar. 2008.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. 1 ed. Rio de Janeiro: 2004.

FERES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.**, v.11, n.2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/psic/articulos/articulo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 mar. 2008.

_____. Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. **Estudos de Psicologia**, Campinas v.22, n.2, p. 133-141, abr/jun., 2005.

FERREIRA, VERÔNICA A. M. C. **Família, Separação e Mediação**: uma visão psicojurídica. 1 ed. São Paulo: Editora Método, 2004.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GIDDENS, A. **A transformação da Intimidade**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIFFIN, K. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.10, n.1. p. 47-57, 2005.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3 Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

HITE, S. **O relatório Hite**. 1 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL – Difusão Editorial. Tradução de Ana Cristina César, 1978.

_____. **O relatório Hite sobre a sexualidade masculina**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertland Brasil S.A, 1991.

JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe - a crise do casamento contemporâneo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

LINS, R. N. **A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo**. 2 ed. Rio de Janeiro, 2007.

MATOS, M. **Reinvenções do vínculo amoroso. In: Cap IV – As parcerias**. 1 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MORAES, N. M. Contribuições da psicologia analítica para o entendimento do amor e da mulher na contemporaneidade. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v.19, n. 29, p. 39-43, 2001.

O'CONNOR E J, MCCABE M P, FIRTH L. The Impact of Neurological Illness on Marital Relationships. **Journal of Sex & Marital Therapy**, v. 34, n. 2 p.115 - 132, mar. 2008.

OLTRAMARI, L. C. Sociologia da sexualidade. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, n.29, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 mar. 2008.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SEIXAS, ANA MARIA R. **Sexualidade feminina: História, cultura, família, personalidade e psicodrama**. 1ed. São Paulo: Editora SENAC. 1998.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, jul/dez, 1990.

SILVA, Tomaz T. da; HALL, Stuart; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estados culturais**. 2.ed., Petrópolis: Vozes, 2000.

SPINK, M J. **Linguagem e produção de sentido no cotidiano**. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2004a.

_____. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004b.

STREY, Marlene. Gênero In: STREY, Marlene N. (et al.) **Psicologia Social Contemporânea**: livro texto. 4ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

TOLPIN L H, COHEN L H, GUNTHER K C, FARREHI A. Unique effects of depressive symptoms and relationship satisfaction on exposure and reactivity to daily romantic relationship stress. **Journal of Social and Clinical Psychology**, v.25, n. 5, p.565-583, may. 2006.

TRUDEL G, VILLENEUVE V, ANDERSON A, et al. Sexual and marital aspects of old age: an update. **Sexual and Relationship Therapy**, v. 23, n. 2, p.161 - 169, may. 2008. Disponível em: <<http://web.ebscohost.com/ehost/detail?vid=14&hid=6&sid=041049cb-a426-4305-b23f-f81df0c12956%40sessionmgr109>>. Acesso em: 03 mai. 2008.

APÊNDICE A**QUESTIONÁRIO DE AMBIENTAÇÃO**

O presente questionário faz parte de uma pesquisa desenvolvida por formandos do curso de Psicologia da UNISUL que tem por tema a vida sexual de homens e mulheres e o desencadeamento do processo de separação. Responda as questões abaixo marcando com um “x” as respostas que julgar convenientes. Você pode assinalar mais de uma resposta por pergunta e não é obrigado(a) a responder todas as perguntas.

Sexo: () Masculino () Feminino

1. Você se sente capaz de identificar os sentimentos que tinha por seu(sua) parceiro(a) no início da relação?

- () com certeza sim
- () possivelmente sim
- () possivelmente não
- () com certeza não

2. E no final da relação

- () com certeza sim
- () possivelmente sim
- () possivelmente não
- () com certeza não

3. No início de sua relação você se sentia atraída(o) sexualmente por seu(sua) parceiro(a)?

- () com certeza sim
- () possivelmente sim
- () possivelmente não
- () com certeza não

4. E no final da relação

- () com certeza sim
- () possivelmente sim
- () possivelmente não
- () com certeza não

5. Você se sentiu satisfeita(o) com a vida sexual que teve com seu parceiro(a) ao longo da relação?

- () sempre me senti muito satisfeito
- () em alguns momentos sim, em outros não.
- () no começo sim, mas depois de um tempo não.
- () no começo não, mas com o tempo ficou bom.
- () nunca me senti feliz sexualmente com ele(a)
- () Outros:

6. Você percebeu mudanças na atração sexual que você sentia por seu parceiro(a) ao longo da relação?

- ☐ com certeza sim
- ☐ possivelmente sim
- ☐ possivelmente não
- ☐ com certeza não

Se você respondeu “sim” ou “possivelmente sim” na questão 6, responda a 7. Caso tenha respondido “não” ou “possivelmente não” na questão 6, pule para a 8.

7. Como foram perceptíveis essas mudanças?

- ☐ diminuiu o número de relações na semana
- ☐ o sexo não tinha mais graça com o parceiro(a)
- ☐ passei a não ter mais vontade de fazer sexo com meu parceiro, mas continuei fazendo sem vontade
- ☐ passei a não ter mais vontade de fazer sexo com meu parceiro e parei de fazer.
- ☐ passei a ter vontade de trair
- ☐

Outros: _____

8. Você considera que há relação entre a vida sexual que vocês tiveram e o desencadeamento do processo de separação?

- ☐ com certeza sim e houve muita influência do sexo na separação
- ☐ com certeza sim, mas influenciou muito pouco
- ☐ possivelmente sim
- ☐ possivelmente não
- ☐ com certeza não

9. Em sua opinião, o que ocorreu primeiro: a perda do desejo sexual ou a falta de sentimentos e admiração?

- ☐ a perda do desejo sexual
- ☐ a falta de sentimentos e admiração
- ☐ ocorreram juntas
- ☐ não ocorreram
- ☐

Outros: _____

10. Você se sente a vontade para conversar sobre estas perguntas com o pesquisador?

() sim e desejo participar da pesquisa

() sim, mas não desejo participar da pesquisa

() não e não quero participar da pesquisa

Caso deseje participar desta pesquisa como entrevistado deixe um telefone de contato no espaço abaixo. As entrevistas serão realizadas sempre aqui no Fórum, na sala do serviço de mediação em horário que fique conveniente para você. Muito obrigado pela atenção.

FONE PARA CONTATO: _____.

NOME DO ALUNO PESQUISADOR: LUÍS HENRIQUE VIGHI TEIXEIRA

TEL PARA CONTATO: 99289303.

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA

PREÂMBULO: Antes de iniciar a entrevista, ou seja, de passar a apresentar cada uma das perguntas abaixo, o pesquisador irá ambientar o sujeito da pesquisa quanto ao assunto que será abordado ao mesmo tempo em que estará estabelecendo um vínculo inicial. Esta ambientação visa principalmente evitar constrangimentos tendo em vista o nível de intimidade ao qual as perguntas fazem referência. Além disso, cabe ressaltar que será realizada uma entrevista semi-estruturada, o que permite ao entrevistador flexibilizar o roteiro de acordo com o andamento da conversa, bem como eliminar perguntas ou modifica-las caso a pessoa mostre-se encabulada. Devido a sutileza do tema a entrevista ocorrerá sob a forma de uma conversa em que as perguntas vão sendo lançadas a medida que a pessoa vai se sentindo a vontade.

Quais eram seus sentimentos por seu (sua) parceiro (a) no início da relação?

Como era sua convivência com seu (sua) parceiro (a) no início da relação?

Como era sua atração sexual por seu (sua) parceiro (a) no início da relação?

Como é fazer sexo para você/ Qual a importância da prática sexual para a sua vida?

Como você descreve sua necessidade sexual?

Como é para você uma relação sexual satisfatória/boa?

Quais são seus sentimentos por seu (sua) parceiro (a) ao término da relação ou do processo de separação?

Caso ainda mantenha relação sexual com seu (sua) parceiro (a), como se sente ao fazer/tentar fazer sexo com ele atualmente?

Como é para você uma relação sexual ruim?

Em sua opinião, o que ocorreu primeiro: a perda do desejo sexual ou a falta de sentimentos e admiração?

Você considera que há relação entre a vida sexual que vocês tiveram e o desencadeamento do processo de separação?

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que participarei, de livre e espontânea vontade, da pesquisa “A vida sexual de homens e mulheres e o desencadeamento do processo de separação”, realizada pelo graduando do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, Luís Henrique Vighi Teixeira, sob a orientação da Profª Msc. Deise Maria do Nascimento.

Estou ciente de que esta coleta de dados será realizada em concordância com os princípios éticos de pesquisa envolvendo seres humanos, tendo como fundamento as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº 196, de 10 de outubro de 1996, e nº 251, de 07 de agosto de 1997, sendo que todos os envolvidos nesta pesquisa comprometem-se em manter o meu anonimato e a salvaguarda absoluta sobre todos os dados e informações que irei fornecer.

Minha participação no projeto consistirá em preencher um questionário e, de acordo com meu interesse, participar ou não de uma entrevista, que durará aproximadamente 50 minutos. A entrevista será registrada em um gravador de áudio para facilitar futura transcrição, sendo que não sou obrigado(a) a responder a todas as perguntas e posso desistir a qualquer momento de participar da pesquisa. Sei que a entrevista será realizada no fórum de São José, na sala do serviço de mediação, em data e hora a serem acordadas conforme a minha disponibilidade. Estou ciente de que os objetivos do trabalho são identificar o sentido atribuído pelas pessoas à vida sexual na relação amorosa, identificar o que as pessoas entendem por vida sexual satisfatória e estabelecer a relação existente entre satisfação sexual do casal e desencadeamento do processo de separação.

Estou ciente de que não estão previstos desconfortos, riscos ou constrangimentos durante a realização da entrevista. O pesquisador prestará quaisquer esclarecimentos que eu julgar necessários antes e durante a realização da mesma. Por ser uma pesquisa de interesse exclusivamente científico, a qual aceito participar espontaneamente, sei que posso desistir a qualquer momento, inclusive sem motivo nenhum, bastando, para tanto, que informe ao graduando Luís Henrique Vighi Teixeira o meu não prosseguimento, através do telefone (48) 9928-9303. Por ser voluntário(a) e tratar-se de uma pesquisa sem fins lucrativos, sei que não serei remunerado(a). Meus dados de identificação serão mantidos em sigilo e a divulgação dos resultados terá como objetivo mostrar os possíveis benefícios advindos da pesquisa em questão, podendo ser utilizados em eventos e obras científicas. Estou ciente de que poderei

solicitar informações durante qualquer fase da pesquisa, inclusive após a publicação da mesma, e que será ofertada uma devolutiva após o fim dos trabalhos.

Contatos com o pesquisador poderão ser feitos, a qualquer momento, pelo telefone acima mencionado.

Eu, _____, RG nº _____, telefone
nº _____, residente _____,

consinto em participar voluntariamente da pesquisa realizada pelo graduando Luís Henrique
Vighi Teixeira.

_____(SC), ____/____/____.

Assinatura

Assinatura Pesquisadora

ANEXO B**CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES****UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL
CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E
GRAVAÇÕES**

Eu _____ permito que o grupo de pesquisadores relacionados abaixo obtenha fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins de pesquisa científica, médica e/ou educacional.

Eu concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada, tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome do sujeito da pesquisa e/ou paciente:

RG:

Endereço

Assinatura:

Data e Local onde será realizado o projeto:

Adaptado de: Hospital de Clínicas de Porto Alegre / UFRGS